

MILITIA

N.º 86 - ANO XIII — JAN. / FEV. - 1960

NESTA EDIÇÃO: Isolado no Hospital da
Fôrça o vírus do câncer



Decálogo preventivo contra incêndios

- 1) — **NÃO** deixe fósforos ao alcance das crianças.
- 2) — **NÃO** saia de casa sem antes verificar se não esqueceu o ferro elétrico ligado ou a torneira de gás aberta.
- 3) — **NÃO** faça ligações elétricas “de emergência”; procure sempre técnicos competentes para fazê-las em definitivo.
- 4) — **NÃO** faça concorrência aos fabricantes de cêra, tentando fabricá-la em sua casa; essa economia não compensa o grande risco de um incêndio.
- 5) — **NÃO** jogue palitos de fósforos e pontas de cigarro usados, sem antes verificar se estão completamente apagados e escolha o lugar onde jogá-los.
- 6) — **NÃO** queira substituir o fuzível queimado por uma moeda ou outro recurso caseiro; use um fuzível novo e de capacidade adequada.
- 7) — **NÃO** trabalhe com material inflamável ou de fácil combustão sem antes certificar-se de que não há fogo por perto.
- 8) — **NÃO** queira dar uma “fumadinha” durante os instantes em que o tanque de seu automóvel está recebendo gasolina.
- 9) — **NÃO** guarde cêra, gasolina para limpeza, solventes ou álcool em lugares próximos de fogo e do alcance de crianças.
- 10) — **NÃO** solte balões nem queime fogos; ambos provocam acidentes dos mais graves, levando a destruição, o desemprego e a miséria a muitas famílias.

A IMPRUDENCIA e o DESCUIDO constituem os MAIORES INIMIGOS de sua VIDA, de seu LAR e de seu BOLSO !

SUMÁRIO

NOSSA CAPA	66
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
Prevenção Contra Incêndios — cap. J. A. Rodrigues Rita	6
O Gigante Egoísta — tradução de Rezende Filho	8
Campanha do Contestado (II) — gen. A. Nogueira Júnior	12
História da Brigada — cel. Ladeira Ribeiro	18
Socorro Clínico Cardiológico — cap. Oscar Abranches	21
O Porco e o Burro — Antônio Pousada	28
O Tupy-Guarani — ten. Luis Carlos Peres	36
NOTICIÁRIO	
Bahia de Todos os Santos — cel. José Hipólito Trigueirinho	22
CPDP: Urbanidade e Dedicção a Serviço do Povo	30
Publicações Recebidas	35
Isolado no Hospital da Força o Virus do Câncer	38
Notícias das Co-irmãs	48
Educação Física e Esportes	56
Destaques da Força Pública	58
O Brasil em Dois Meses	60
O Bimestre no Mundo	62
PALAVRAS CRUZADAS	66

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrímisticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrímisticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrímisticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

DESCORTINAM-SE neste 1960 novos horizontes para nós milicianos, como para todo o Brasil. O mundo aplaude a nova capital brasileira. Estradas começam a rasgar o território pátrio de norte a sul e de leste a oeste. E os policiais-militares sentem aumentar o interesse dos parlamentares pelo andamento do ansiado projeto de Lei Básica.

Contudo, ainda esperamos. E preciso levar adiante a propositura. Com a mudança do Distrito Federal, nossos companheiros da velha P.M. de João VI já não poderão acompanhar de perto, como até aqui, a marcha dos trabalhos. Acompanhá-los-ão, porém, juntamente com 100.000 milicianos brasileiros que nada querem senão servir o interesse público. "Não se servir mas servir", para usar uma expressão surgida no II Congresso Brasileiro das Polícias Militares.

Oxalá seja 1960, não só o ano de Brasília e da conquista de um deserto imenso, mas o ano do despertar de um Brasil novo em toda a sua plenitude. Um Brasil novo significa também uma legislação à altura de seu desenvolvimento. E o diploma legal que esperamos é indispensável.

Na esperança da concretização do velho anseio, MILITIA junta sua voz ao côro de sessenta milhões de brasileiros que saíram 1960 como ano decisivo em nossa história. É com júbilo que vemos a rodovia Belém-Brasília vencer a fúria sempre temida da selva amazônica, outra estrada estender-se do planalto Central para o Acre, voltando os olhos para Manaus e os confins do norte. O aproveitamento da ilha do Bananal, já decidido, é outra vitória a encher-nos de orgulho.

E, ao lado de tudo firma-se a economia nacional, na marcha segura por sua emancipação econômica. Enquanto o vale do São Francisco desperta de seu sono secular e os açudes se multiplicam no nordeste, Três Marias e Furnas dão vigor novo a nossa rede de energia hidroelétrica e desenvolve-se a indústria pesada. Cientistas de São Paulo consolidam os alicerces da produção nacional de energia e o Brasil começa a impôr-se ante as nações americanas.

Tudo isso abrange um complexo de forças que abala a velha sociedade latifundiária, com suas bases assentadas na monocultura. É uma fase naturalmente agitada, que requer todo o cuidado para a tranquilidade pública. Mais do que nunca são necessárias as Polícias Militares, coesas e detentoras dos meios indispensáveis a sua atuação. Daí a necessidade inadiável de uma organização racional dentro de padrão uniforme, respeitadas as características locais. Eis aí a finalidade, da Lei Básica, destinada a beneficiar, não a família miliciana, mas o povo.

Os milicianos brasileiros esperam, portanto, a solução de tal problema. E apenas um dos muitos problemas da nação. Um que pode talvez passar despercebido do grande público, mas cuja importância é indiscutível. Assim pensam os policiais-militares. Assim manda o bom senso.

Prevenção contra Incêndios

O que é prevenção contra incêndios?

Prevenir, — o nome está explicando — quer dizer impedir que alguma coisa aconteça e estar preparado para enfrentar essa mesma coisa se, apesar das medidas tomadas, ela se realizar ou se concretizar. Mas surgirão logo várias perguntas: o que vem a ser prevenção? qual a sua importância? como é feita? que medidas devem ser tomadas e qual a legislação que a regula?.

Procurarei responder, mesmo suscitadamente, a essas perguntas.

O QUE VEM A SER PREVENÇÃO? — A prevenção de incêndios é um conjunto de medidas destinadas a reduzir ao mínimo os riscos existentes e eliminar os riscos desnecessários. É uma série de providências que se tomam, a fim de impedir a irrupção de um incêndio, e se, mesmo assim o fogo se deflagrar, estar de posse de meios, de modo que êle fique circunscrito ao nascedouro, reduzindo os prejuizos ao mínimo. CONCEITUADO o que seja PREVENÇÃO DE INCENDIOS, vamos ver qual a sua importância: — O progresso a que chegaram a indústria e o comércio com uma verdadeira revolução nos métodos e processos de trabalho; o desenvolvimento sempre crescente da ciência; o aumento das densidades populacionais e o crescimento vertiginoso das cidades, muitas vezes sem uma planificação racional; os meios de transporte; o emprêgo da energia elétrica, desde as poderosas indústrias, até os menores aparelhos elé-

tricos domésticos, que proporcionando maior conforto, aumentam também os riscos de incêndios; a manipulação de líquidos e materiais perigosos tudo faz com que, a par do vertiginoso progresso, aumentem consideravelmente os perigos causados pelo fogo. Atentando para os fatores acima é fácil concluir-se da importância que a prevenção contra incêndios, pois só ela dará a garantia necessária ao capital empregado, à vida dos que ali exercem a sua atividade, a segurança dos vizinhos e a confiança do poder público na indústria, já que a mesma funcionando estará desenvolvendo uma atividade não só lucrativa para seus proprietários, mas de caráter eminentemente social. Centenas de criaturas que ali trabalham fazem daquele mister seu meio de vida, sua subsistência e da família, proporcionando-lhe conforto e carinho e garantindo um futuro seguro e calmo aos seus descendentes. Se não houver uma boa prevenção qualquer princípio de incêndio poderá transformar-se num sinistro de danos totais, com prejuizos para os proprietários, empregados, vizinhos e poder público e tôda a ordem de problemas de natureza social daí decorrentes. Os prêmios de seguros constituem uma ilusão, já que não poderão cobrir todo o risco de incêndio, mesmo porque os danos de ordem moral são irreparáveis. Vimos assim, em linhas gerais, a importância da prevenção.

COMO É FEITA? — A prevenção é estruturada em dois grandes

ramos, a saber: — PREVENÇÃO CONSTRUTURAL e PREVENÇÃO OPERACIONAL.

A prevenção construtural tem em vista a construção do prédio ou edifício dentro das normas de ocupação, segundo os fins a que se destina e a escolha dos materiais de construção, segundo os riscos ali existentes. Já no projeto, o engenheiro responsável ou arquiteto tem que considerar, em relação à proteção contra incêndios, os seguintes itens:

a) — que medidas devem ser tomadas para impedir um incêndio;

b) — que medidas devem ser tomadas para limitar um incêndio que venha se declarar apesar das providências contra essa possibilidade;

c) — na ocasião de um incêndio os empregados que trabalham no edifício terão possibilidades de se retirar a salvo;

d) — a construção possibilita a ação dos bombeiros.

Assim a proteção construtural tem que ver com a distribuição racional dos setores horizontais e verticais de incêndio, saídas, escadas, elevadores, portas, janelas, telhados, estrutura, cobertura, distância entre os prédios etc.

PROTEÇÃO OPERACIONAL — A proteção operacional, tem em vista a proteção na indústria. O

valor da proteção contra incêndios na indústria é determinado essencialmente por 5 fatores:

1) — eficiência das medidas de proteção construtural;

2) — espécie do material empregado ou armazenado na indústria;

3) — qualidade das instalações da indústria;

4) — aparelhamento de extinção disponível;

5) — inteligência e disposição dos empregados quanto aos perigos de incêndio, sua prevenção e sua extinção.

QUE MEDIDAS DEVEM SER TOMADAS? — Que cada um se capacite das responsabilidades que lhe pesam sobre os ombros na direção de uma empresa e veja, observe que é um patrimônio que deve ser protegido, pois que sua permanência e existência interessam não somente aos proprietários, mas também os que dele dependem como também ao poder público.

E QUAL A LEGISLAÇÃO QUE A REGULA? — Nenhuma. Infelizmente, apesar de todo o vertiginoso progresso que nosso país apresenta, nenhuma lei regula a prevenção contra incêndios em nossa capital. Como é um assunto da órbita estritamente municipal, cabe exclusivamente aos poderes legislativos e executivos municipais resolver.



Depois dos folgedos,
alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA

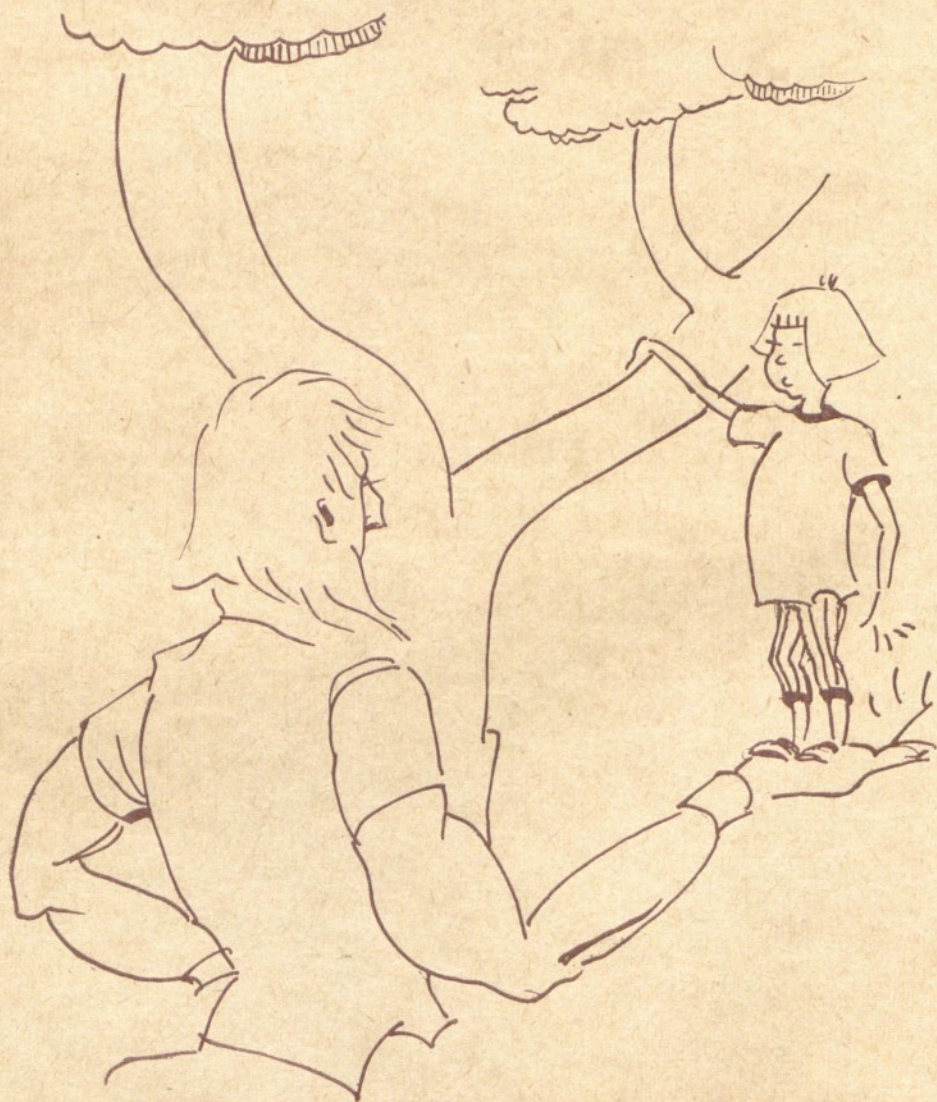


TRIANGULO

oscar wilde escreveu

rezende filho traduziu

felix de Barros morgado *ilustrou*



Tôdas as tardes, quando vinham da escola, as crianças costumavam brincar no jardim do gigante.

Era um vasto e lindo jardim, com um gramado verde e macio. Aqui e ali, sobressaindo-se à grama, lindas flores, como estrêlas; doze pessegueiros abriam-se em flor, na primavera, com florinhas delicadas, róseas e nacaradas, e produziam frutos suculentos, no outono. Os passáros, nas árvores, cantavam tão suavemente que as crianças interrompiam os folguedos, a escutá-los. “Como somos felizes aqui!” exclamavam.

Um dia, o gigante voltou. Tinha ido visitar seu amigo, o ogre de Cornualha e com êle ficara sete anos. Durante êsse tempo, dissera tudo o que tinha a dizer, pois sua prosa era limitada e resolveu voltar para seu próprio castelo. Quando chegou, viu as crianças brincando no jardim.

Que estão fazendo aqui? gritou-lhes, com voz bastante áspera. As crianças fugiram.

O meu jardim é só para mim, e isso é fácil de entender. Não permitirei que ninguém brinque nele a não ser eu mesmo. E construiu um alto tapume, em tôda a volta, com um aviso:

**OS INTRUSOS SERÃO
PROCESSADOS**

Era um gigante muito egoísta.

As pobres crianças agora não tinham onde brincar. Tentaram brincar na estrada, mas ela era muito poeirenta, cheia de pedras duras, e não gostaram. Sempre, depois das aulas, vagueavam perto do tapume e falavam sôbre o belo jardim que havia dentro. “Como éramos felizes lá!” — diziam umas às outras.

O gigante egoísta

Depois veio a primavera e por tôda a região havia passarinhos e árvores em flor. Só no jardim do gigante egoísta ainda era inverno. Os pássaros não queriam saber dêle, pois não tinha crianças e as árvores deixavam de florir. Certa vez uma linda flor surgiu por sôbre a grama mas, quando viu o aviso, teve tanta pena das crianças que se retraiu e voltou ao seu sono. Os únicos contentes eram a Neve e a Geada. “A Primavera esqueceu êste jardim”, — gritaram êles — “e assim viveremos aqui o ano inteiro”. A Neve cobriu o gramado com um grande manto branco e a Geada pintou de prata tôdas as árvores. Depois convidaram o Vento Norte para ficar com êles e êle veio. Envôlto em peles, uivava no jardim o dia todo e derrubava, soprando, as coberturas das chami-

nês. “Eis um recanto delicioso”, — disse êle. — “precisamos convidar o Granizo para uma visita”. E assim veio o Granizo. Todos os dias, por três horas, chocalhava no telhado do castelo, quebrando quase tôdas as telhas e depois dava voltas e voltas em tôrno do jardim, correndo o mais que podia. Vestia-se de cinza e seu hálito era gelado.

— Não posso compreender porque a Primavera está demorando tanto — disse o gigante egoísta, sentando-se à janela e olhando o jardim, frio e branco. — Espero que o tempo mude.

Mas a primavera nunca vinha, e também o verão. O outono trouxe frutos dourados a todos os jardins, mas ao do gigante, nada. “Ele é muito egoísta”, disse. Assim, lá era

sempre Inverno e o Vento Norte, o Granizo, a Geada e a Neve dansavam por entre as árvores.

Uma manhã, deitado na cama, acordado, o gigante ouviu uma música encantadora. Souu tão docemente aos seus ouvidos que supôs fôsem os músicos do rei que passavam. Na realidade era apenas um pequeno pintarroxo que cantava de fora da janela, mas fazia tanto tempo que não ouvia um pássaro no seu jardim que aquilo lhe pareceu a mais linda música do mundo. Então o Granizo parou de dançar acima da sua cabeça, o Vento Norte cessou de uivar e um perfume delicioso entrou pela janela aberta. "Creio que afinal a Primavera chegou", disse o gigante. Pulou da cama e olhou para fora.

Que viu êle?

Viu um quadro verdadeiramente maravilhoso. Através de uma pequena abertura no tapume, as crianças tinham rastejado para dentro e estavam sentadas nos ramos das árvores. Em cada árvore havia uma criança. E as árvores estavam tão contentes de ter as crianças em volta que se tinham coberto de flores e agitavam suavemente os galhos por sôbre as cabeças infantís. Os pássaros voavam por perto e gorjeavam com leite e as flôres, olhando por cima da grama, riam-se. Era uma cena adorável; sômente em um canto ainda era inverno. Era o canto mais afastado do jardim e nêle estava de pé um menininho. Era tão pequeno que não lograva alcançar os galhos da árvore e êle a rodeava, chorando amargamente. A pobre árvore estava ainda coberta de neve e geada, e o Vento Norte, por cima, soprava e rugia. "Suba, rapazinho!" — disse a árvore, e abaixou seus galhos o mais que pôde, mas o menino era muito pequenino.

Ao ver isso, o coração do gigante se enterneceu.

-- Como tenho sido egoísta! Sei agora por que a Primavera não che-

gava aqui. Porei aquêle pobre menino no tópo da árvore, depois vou derrubar o tapume e meu jardim será o recreio das crianças para todo o sempre". Ele estava realmente muito arrependido do que fizera.

Então desceu as escadas, abriu docemente o portão da frente e entrou no jardim. Mas quando as crianças o avistaram, assustaram-se tanto que fugiram tôdas e o jardim tornou-se inverno de novo. Só o menininho não fugiu, pois seus olhos estavam tão cheios de lágrimas que não viu o gigante chegando. O gigante aproximou-se por detrás, sem ruido, tomou-o delicadamente na mão e o colocou na árvore. A árvore abriu-se logo em flor, os pássaros vieram e cantaram e o menininho, estendendo os dois braços, envolveu com êles o pescoço do gigante e beijou-o. As outras crianças, quando viram que o gigante já não era malvado, voltaram correndo e com elas veio a Primavera. "Este jardim agora é de vocês", — disse o gigante, e tomando de um grande machado derubou o tapume. Quando as pessoas iam para o mercado ao meio-dia, encontraram o gigante brincando com as crianças, no mais lindo jardim que já tinham visto.

Brincaram o dia todo e à tarde vieram se despedir do gigante.

— Mas onde é que está o seu companheirinho, O menino que eu pus na árvore?. — O gigante gostava mais dêle porque êle o tinha beijado.

— Não sabemos, — responderam as crianças, — êle foi-se embora.

— Digam a êle que não deixe de vir amanhã. — Mas as crianças disseram que não sabiam onde êle morava e nunca o tinham visto antes. O gigante ficou muito triste.

Tôdas as tardes, depois das aulas, as crianças vinham brincar com o gigante. Mas o menininho que o gigante amava nunca mais apareceu. O gigante era muito bondoso para tôdas as crianças; con-

MILITIA NA BELÉM-BRASILIA

Dentro em breve MILITIA publicará as impressões colhidas em viagem através da rodovia Belém-Brasília por nosso correspondente em São Luís do Maranhão, cap. Eurípedes Bezerra, que participou da Caravana de Integração Nacional, efetuada há tempos, e realiza estudos a êsse respeito.

Nosso companheiro, que fez o percurso em seis dias (demoraria meses pelas vias tradicionais), teve oportunidade de observar as primeiras roças que nascem ao longo da estrada, no deserto multissecular que hoje se transforma. Colheu a opinião de outros integrantes da caravana e de inúmeros populares que encontrou. Tudo será levado ao conhecimento de nossos leitores, brevemente, através das páginas de MILITIA.

tudo, ansiava pelo seu primeiro amiguinho e dêle falava frequentemente. “Como gostaria de vê-lo!” — costumava dizer.

Passaram-se os anos e o gigante ficou muito velho e fraco. Não podia mais brincar e sentava-se em uma grande cadeira de braços, seguindo com os olhos as crianças nas suas brincadeiras e admirando o jardim. “Tenho muitas lindas flôres” — dizia — “mas as crianças são as flôres mais lindas de tôdas”.

Uma manhã de inverno, pôs-se a olhar pela janela do seu quarto, enquanto se vestia. Já não odiava o inverno pois sabia que era a Primavera a dormir, e que as flôres descansavam.

Súbitamente, esfregou os olhos, admirado, olhou e tornou a olhar. Era, certamente, um quadro maravilhoso. No recanto mais afastado do jardim havia uma árvore toda coberta de flores brancas, com ramos dourados, dos quais pendiam frutos prateados. Debaixo dela estava o menininho que êle tinha amado.

Precipitou-se o gigante, com grande alegria, pelas escadas e para o jardim. Apressou os passos pela grama e se aproximou da criança. Mas, quando chegou bem perto, seu rosto avermelhou-se de cólera: “Quem ousou te ferir?”. Pois, na palma das mãos, a criança tinha marcas de dois pregos e marcas de dois pregos tinha nos pézinhos.

— Quem ousou te ferir? — gritou o gigante. “Diz-me, para que eu possa pegar a minha grande espada e matá-lo.

— Não, — respondeu a criança, — estas são as chagas do Amor.

— Quem és tu? — E um estranho temor recaiu sôbre o gigante, que se ajoelhou diante da criança.

E a criança sorriu para o gigante e falou: “Você deixou-me uma vez brincar no seu jardim; hoje você irá comigo para o meu jardim — o Paraíso”.

Naquela tarde, quando as crianças vieram, encontraram o gigante morto debaixo da árvore, todo coberto de flôres brancas.

O gen. Alfredo Nogueira Junior prossegue agora a série de trabalhos sôbre o *Contestado*, escritos especialmente para *MILITIA*. Aquêlo nosso redator, residente no Rio de Janeiro, deixou uma parte de sua vida nos Estados do sul, onde participou da campanha. Restam-lhe das operações da época, a recordação de sacrifícios inenarráveis e apreciável coleção de documentos comprobatórios.

Já estava em nossa redação o artigo estampado adiante, baseado na experiência própria do autor, quando um matutino de Pôrto Alegre publicou um seu estudo sôbre o mesmo assunto. Assim, o público leitor gaúcho tomou conhecimento de episódios até então desconhecidos de muitos. E, através de *MILITIA*, saberá da participação dos milicianos riograndenses na árdua campanha.

Campanha do Contestado

II = Louros à Brigada Policial Gaúcha

A. Nogueira Jor.

Ilustração de Jaime de Oliveira Mello

Muita gente não ocultará o espanto que vai fluindo aqui. Até velhos guerreiros da não menos antiga Brigada têm afirmado a ausência dos policianos rio-grandenses nos acontecimentos fronteiriços que se desenrolaram no Contestado. Setembrino, em anotação de quatro linhas, à pagina cinqüenta e três do seu Relatório, apenas lhes esboça a presença preventiva nos "passos" do Pelotas de caminhos que vinham de Lajes e Campo Belo.

Não iremos alinhar pelepas. Simplesmente queremos por em relêvo o papel estratégico e o seu avanço rápido por caminhos difíceis, mal esboçados então. A evolução se fez com tal impeto que anulou completamente os propósitos do bandoleiro Augustin Saraiba Perez, cujo objetivo mais acalentado era entrar pela zona serrana do Rio Grande do Sul e ali sublevar a população sertaneja que ainda conservava a lembrança do anoso "monge" João Maria de Jesus. Esse Augustin — mais conhecido por Castelhana. — tinha fama de guerreiro e viera àquela região durante a Campanha Federalista de 1893, tremalhando-se depois. Ninguém pôde esclarecer as causas da fama, — igual — bêm se vê — à de tantos outros que as circunstâncias derruem, como sucedeu com êle.

Se os dois corpos da Brigada não assinalam pelepas nessa ocasião, nem por tal desmerecem, tantas as dificuldade por que passaram nas andanças de aproximação e vigilância da fronteira, chegando a cogitar-se de fazê-los transpôr o Pelotas para repelir os fanáticos nas correrias sanguinolentas a que estavam submetendo a região de Lajes, Curitibaanos e Campos Novos. Não seria para desprezar o auxilio, pois que se representaria por meio milhar de armas, entre infantaria e cavalaria. Mesmo que se considere a frugalidade característica do gaúcho, não deveremos deixar esquecido o respeitável comboio, superior a quarenta carroções coloniais que transportavam os viveres e as munições. Certamente, a abundância do gado no planalto da Vacaria e Lagoa Vermelha constituiu a base da nutrição. Até o complemento de cavallhada para suprir ao quarto esquadrão do regimento de cavalaria foi obtido quase ao termo do caminho. Naquelas planuras isoladas, os dias e os meses se escoaram em persistente vigilância, batendo todos os caminhos e picadas mal de-

finalizadas, de tal sorte que veio a entibiar o arroubo do chefe Castelhana e induzi-lo a voltar sôbre os passos até os arredores de Campo Belo, onde veio a perecer.

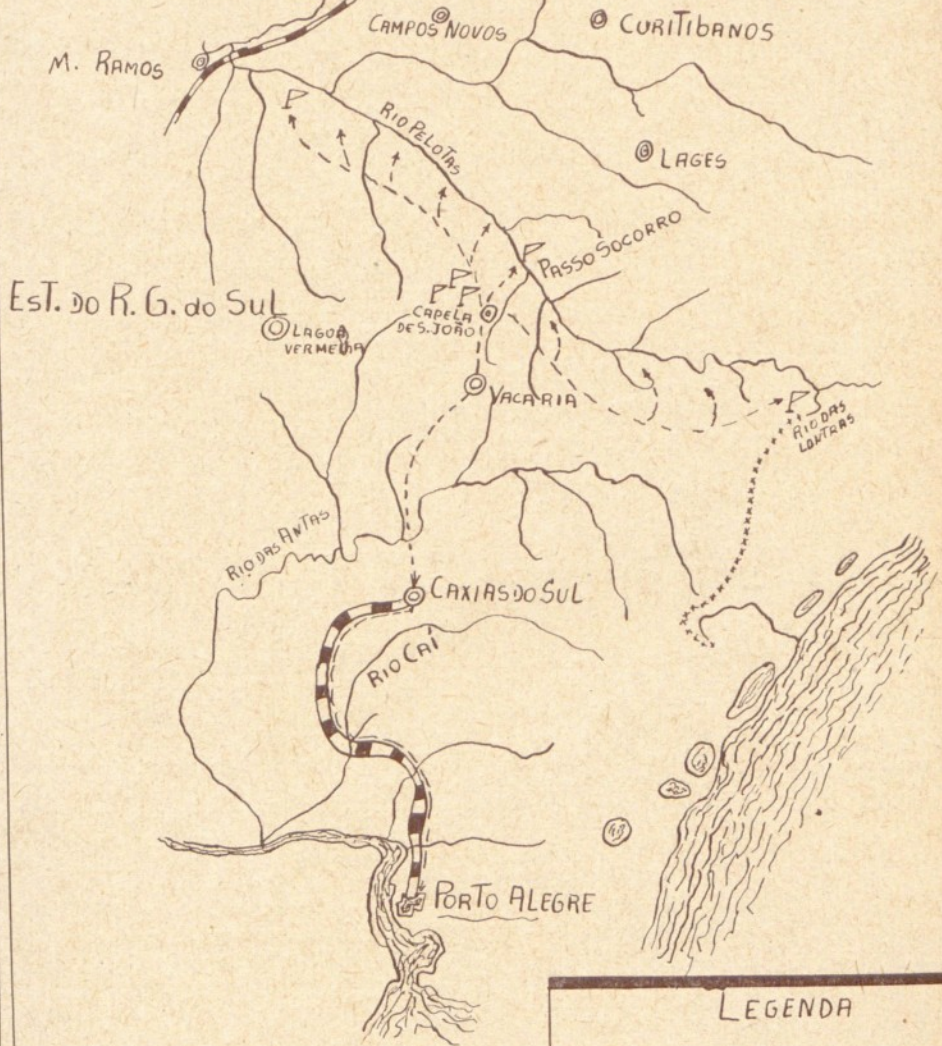
Como decorrência das medidas gerais tomadas pelo governo federal, veio o socorro de policiais dos Estados mineiros, destacando-se com maiores efetivos o Rio Grande e o Paraná. Cumpria levar a efeito o cerco e cortar todas as comunicações de onde iam os recursos para os sublevados. Justamente do Rio Grande, mormenees e Caxias do Sul, fluíam armas e munições a pêsso de ouro. Justamente quando as tropas federais mais distantes do teatro dos acontecimentos começavam a aproximar-se dos pontos estratégicos designados, a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, deu começo à intervenção que lhe fôra afeta. A 4 de outubro de 1914, às dezoito horas, o comando geral recebe a incumbência de aprestar o 2.º Batalhão de Infantaria e o 1.º Regimento de Cavalaria, tendo à frente o coronel Afonso Emilio Massot e o tenente-coronel Claudino Nunes Pereira, sob a alta direção do primeiro. A tropa formou às dezenove horas e recebeu todo o armamento e equipamento. A missão previa ocupar tôda a fronteira do Pelotas e seus "passos", com base em Vacaria, Campos dos Baguaís e do Escornilho. A maioria dêsses lugares não figurava, nem figura ainda nos mapas, sendo necessário recorrer a práticos vulgarmente chamados vaqueanos, moradores daqueles "pagos".

A 5 há pagamento de vencimentos dos praças e aprestos finais, sabendo-se que o Batalhão iria com duzentos e noventa e dois homens, inclusive oficiais, e o regimento montado com cento e oitenta e sete elementos, aí computados dezesseis oficiais. Levariam três carroças, um carroção, duas carrocinhas, cento e trinta e sete cavalos e treze mueres. Durante a manhã de 6 a cavalaria embarcou em trem da ferrovia, mais ou menos às oito horas e trinta minutos. Nesta ocasião a infantaria iniciava a marcha do quartel para a estação e embarcava às nove horas, e trinta minutos, estando presente ao ato a fina flor da capital gaúcha, onde se distinguiria o comandante da XII região militar e o governador Borges de Medeiros.

Um descarrilamento atrasou a viagem da infantaria, que só chegou em Caxias do Sul às quatro horas da manhã de 7, ali encontrando a cavalaria alojada no edificio da Cooperativa Vinícola e recebendo café com pão como primeiro repasto. Ao efetivo se juntaram mais dois médicos e elementos locais que o robusteceram para quatrocentos e oitenta e dois nomes. Foram contratados os serviços de quarenta carroções coloniais e respectivos mueres de tração, à razão de nove por unidade, assim como os condutores-proprietários dêles. As pequenas carroças da Brigada iriam a reboque por falta de mulas adaptadas à tração. No carroção da cavalaria foram carregados arreios do esquadrão que não viera montado.

A marcha começou bem cedo, em terreno acidentado de serranias imensas, como a serra "Maestra", onde houve aclives acentuados de vinte e quatro por cento, por

EST. DE SANTA CATARINA



LEGENDA

- ~~~~~ RIOS
- ← - - - - - → PERCURSO PERCORRIDO
- ==== OCEANO
- PPP BANDEIROLAS
- ⊙ CIDADES
- ▬▬▬ EST. DE FERRO
- xxxxxx SERRA
- 👑 CAPITAL

Sol. JAIME OLIVEIRA MELLO - RE 1935

J. O. Mello

mais de mil e quinhentos metros. À treze horas, a força chegou a Nova Trento (hoje Flores da Cunha), ali se alojando no Edifício da Cooperativa Vinícola, exceção da cavalaria e do comboio, que prosseguem o "passo" do rio das Antas. Na manhã de 9, a cavalaria se adianta atravessando o rio numa balsa pequena cuja capacidade não ia além de quarenta homens, ou um carroção e alguns animais, ou quinze animais, cada vez, tomando o trabalho quinze minutos de vai-e-vém, quando não ocorriam tropeços inesperados. Essa fração chegou à margem, debaixo de cargas d'água, às dezessete horas, depois de um percurso de dezoito quilômetros.

Reiniciando a marcha, o batalhão e mais elementos a pé, chegam à margem do rio às dez horas do dia 10 e entram no jogo da travessia demorada, ainda sob a inclemência do tempo, mas, às dezessete horas, tôdos se encontram à margem direita, prontos a marchar. A cavalaria, já adiantada em Antonio Prado, ali recebe o suprimento de animais e entra em ligação com elementos locais. As doze horas a infantaria chega. Há nova marcha e o pernoite se faz muito além, fora da picada por onde seguiam. As 11 chegam próceres locais de Vacaria e Lagoa Vermelha, coronel Avelino Paim e Maximiliano de Almeida, que tudo faziam para facilitar a missão da força. Combina-se a ocupação dos "passos" por "guardas civis", sabendo-se aí que o suprimento de animais se elevou a duzentos e quinze. O regimento reiniciou a viagem para se manter avançado de uns vinte quilômetros sôbre a infantaria.

A 12, o batalhão percorre vinte quilômetros e acampa na fazenda do cel. Paim, enquanto a 13 cobre mais trinta e três quilômetros até Capão de Adão Pinto, onde acampa, ali encontrando a cavalaria. Esta última prossegue à 15 e vai destacar em Capela de São João. O batalhão reinicia a marcha a 16 e 17, acampando sucessivamente forçado pela intempérie. Nesse último dia a cavalaria encaminha destacamentos ligeiros com obrigações nos "passos" de S. João, Pinhal e Gregórios, que estavam a cargo dos civis e também de Estância Velha, Barracão, Agência, Capela de S. Pedro, Pavão, Santa Vitória e Socorro. Para o serviço de vaqueiros entram Crescêncio e Israel, enquanto se contratam serviços veterinários com o capitão G.N. Olímpio Martins e farmacêuticos com Jônatas da Costa Pereira, assim como de enfermagem com Aleixo Fanzeres. Parte da residência do professor Fausto Viterbo de Carvalho, por oferecimento dêste, é ocupada como alojamento de oficiais e secretaria da unidade.

A 18, depois de um percurso de sessenta quilômetros em três etapas, inclusive as caminhadas de 16 e 17, o 2.º Batalhão de Infantaria chegou à Capela de São João. Aí se escoo o resto do mês de outubro, certamente a organizar incursões aos "passos" da fronteira, ainda que a documentação revista não dê esclarecimento. Também os meses de novembro e dezembro não oferecem modifi-

cação, ao que parece, já tendo morrido o bandoleiro Castelhano e seus companheiros de aventura, cuja situação, nesse último mês, era verdadeiro encurralamento, completamente separado do resto dos fanáticos. Em verdade, a ocupação de Lajes, no fim de outubro, lhe cortou a retirada por ali, enquanto, ao mesmo tempo, o Destacamento Paiva tolhia qualquer esperança de investir por Campos Novos. Para culminar, a chegada do 58.º BC em Curitibaanos a 30 de outubro, foi um golpe de completo estrangulamento a qualquer tentativa de romper o cêrco. Em dezembro pereceu nos arredores de Campo Belo, quase só, tantos desertores foi vendo sumirem desde que o seu grupo luzidio lançara às chamas os prédios dos seus desafetos de Curitibaanos.

Estava patente que os serviços da Brigada poderiam ser dispensáveis, caso não se resolvessem pela utilização na Coluna do Sul, recentemente criada em Curitibaanos, a 9 de janeiro de 1915. Não quiseram. Apenas o 1.º Regimento de Cavalaria seria necessário, ainda na fronteira. O 2.º Batalhão recebeu ordem de regresso a 23, às sete da manhã e, a 26, reiniciou a marcha de retrocesso pelo mesmo caminho áspero da intrusão, sofrendo-lhe os males que aformentam ao pedestre. A 5 de fevereiro, chegou em Pôrto Alegre, pela ferrovia, às dezesseis horas, com seus duzentos e oitenta e quatro elementos, aí com putados os dezoito oficiais.

A cavalaria coube permanecer até 31 de março, quando inieçou o regresso, deixando, porém, um destacamento em Lagoa Vermelha, atendendo a outras circunstâncias. A 21 de abril, chegava a Pôrto Alegre, com o efetivo de cento e setenta e sete homens, aí figurando os seus quatorze oficiais.

Se o longo percurso andejando no sertão, em serras abruptas, matas inóspitas, taboleiros frígidos, ao sol e à chuva, por espaço de sete meses, não lhes parecer um alto serviço de campanha, ainda que não brigassem, mas estando prontos para isso, muitos corpos do Exército que por lá andaram estariam em igual condição e, quiçá, menos trabalhados até, espalhados pelas estações ferroviárias, ou se detendo em cidades e povoados de certa importância.

A nosso ver, não só desempanharam um papel de alto merecimento estratégico, em forma tão assinalada, como impediram a expansão revolucionária na zona serrana, fazendo jús, pois, a louros significativos.

★ ★ ★

No próximo número :

Regimento de Segurança do Estado do Paraná

Para MILITIA
Escreve de Porto Alegre

Ladeira Ribeiro

Coronel Juiz da Corte de Apelação

História da Brigada

Como sabemos a Fôrça Policial da provincia do Rio Grande do Sul foi criada por lei de 18 de novembro de 1837, sancionada pelo presidente, gen. Antônio Elisiário de Miranda e Brito. Disponha a lei que, durante o ano financeiro, a findar em 30 de junho de 1838, teria 363 praças, de pé ou a cavallo, a critério do presidente, e vencimentos, semelhantes aos da tropa de primeira linha, ou seja, do Exército

Competia-lhe auxiliar "as justiças, manter a boa ordem e a segurança públicas, assim na capital e seus subúrbios, como nas comarcas, por destacamentos, não podendo ser distraída de tal serviço, exceto no caso de invasão inimiga". Ficava subordinada diretamente ao presidente da provincia, que a poderia dissolver quando a segurança pública o exigisse.

Embora criada em 1837, a Fôrça Policial só teve sua organização iniciada em maio de 1841, isto é, três anos e meio mais tarde.

Vários fatores influíram para tal protelação: a Revolução Farroupilha, em sua fase aguda, absorvendo tôdas as atenções do govêrno; a existência dos municipais permanentes, que, bem ou mal, desempenhavam as funções do policiamento da capital e de alguns lugares do interior, e a suspensão dos trabalhos legislativos, pois a Assembléia Provincial interrompera suas atividades em fins de novembro de 1837, logo após ter votado a lei de criação da Fôrça Policial, só os reiniciando quase dez anos mais tarde.

PONTE DA AZENHA: CONTROVÉRSIAS

O atual coronel da reserva, Dante Fadanelli, quando segundo tenente, prestou-me valiosa colaboração nas buscas efetuadas no arquivo histórico do Museu do Estado, a propósito dos Municipais Permanentes, tendo encontrado, em livros do ano de 1835, o registro de um officio do presidente da provincia, dizendo que a mesma tomara parte no combate da Ponte da Azenha e que eram cêrca de setenta praças.

O brilhante escritor e historiador conferrâneo, sr. Walter Spalding, em seu interessante livro — FARRAPOS — primeira série, informa-nos, entretanto, que o chamado combate da Ponte da

Azenha não passou de um reconhecimento, levado àquele local, então muito distante do centro da cidade, pelo major Visconde de Camamu, homem de inteira confiança do presidente Braga, à frente de 20 guardas nacionais, operação essa que redunou em completo fracasso.

Por outro lado, Fortunato Pimentel, em - ASPECTOS GERAIS DE PORTO ALEGRE -, refere-se ao relatório que Fernandes Braga dirigiu ao governo central, em o qual informava que os municipais permanentes haviam desertado todos para os rebeldes, à exceção do primeiro comandante Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, do segundo dito, ten. Alvarenga, um cabo, um soldado e um corneteiro.

CORPO POLICIAL DE 37 NÃO EXISTIU

Como se vê, as informações dos historiadores discordam da informação do presidente da província, naquele officio. O que é certo, porém, é que a organização de setecentos homens, que fôra votada pela Assembléa Provincial, em abril de 1837, nunca existiu, ao contrário do que alguém afirmou no rápido histórico da Força, que aparece nas primeiras páginas de seu Almanaque anual.

Em 1841, a 5 de maio, o presidente Saturnino de Sousa e Oliveira baixou o Regulamento para o Corpo Policial, dando-lhe a constituição de duas companhias de cavalaria e duas de caçadores, com o efetivo total de 363 homens.

É oportuno, registrar aqui algumas disposições daquele Regulamento: assim, o tenente coronel, o major e o ajudante receberiam forragens, para suas montadas, pagas em dinheiro; todos os officiaes tinham direito a etapas, sempre

que estas fôsem pagas, também, aos de primeira linha; a etapa das praças era de duzentos reis (vinte centavos) diários, importância que devia ser recolhida à Caixa do Corpo, responsável pelo sustento pessoal, podendo, entretanto, aquêles que tivessem família, obter permissão para "não comerem no rancho", recebendo a etapa em dinheiro; a cada praça correspondia a importância de oitenta réis (oito décimos de centavo) diários, para fardamento, que era fornecido pelo Corpo; o alferes quartel-mestre só entraria em exercício depois de apresentar dois fiadores idôneos, aprovados pelo presidente da província, solidariamente responsável por qualquer desvio de dinheiro.

ARMA POLITICA

O artigo 12 do Regulamento constituía uma arma poderosa nas mãos do presidente. Dispunha que os officiaes, de superior a subalterno, seriam por êle nomeados e considerados de comissão, podendo demiti-los quando o julgasse conveniente ao serviço público. Tal disposição favorecia os interesses políticos, de acôrdo com a situação dominante, ora de conservadores, ora de liberais, dando causa a freqüentes demissões de officiaes, para a colocação de "empistolados".

Sendo atribuição do presidente da província a faculdade de dissolver o Corpo Policial, quando entendesse conveniente, por diversas vêzes foi posta em prática essa medida, organizando-se, porém outro na mesma ocasião, com efetivo maior ou menor que o anterior e, em geral com nova officialidade.

Dando execução ao Regulamento que baixara, o presidente Saturnino nomeou para organizar o Corpo Policial

o ten. cel. Quintiliano José de Moura, que já era o comandante dos municipais permanentes.

Em seguida, foram nomeados o tenente reformado Joaquim da Silva Telles de Queirós, para major; os capitães de cavalaria da Guarda Nacional João Tristão de Lima e Silva, Joaquim Francisco da Cunha e o alferes reformado de cavalaria, Antônio Teixeira de Carvalho, para comandantes de companhia; o cidadão Domingos Gonçalves Ramos, para cirurgião-mór e, ainda, os cidadãos Cândido de Albuquerque Fernandes Gama e Antonio Augusto, para alferes secretário e alferes quartel-mestre. Com estes, deu-se início à organização do Corpo, que, a 14 de junho, entrou em pleno exercício de suas funções.

VARIAÇÃO

A constituição do Corpo Policial e a denominação de postos de seus oficiais variavam bastante, de acôrdo com as idéias de cada governante. Ora o Corpo era formado de companhias de

infantaria e cavalaria, ora de seção móvel, na capital, e seções fixas no interior; ora os oficiais tinham denominações semelhantes aos do Exército, ora designavam-se primeiro e segundo ad-junto ou auxiliares.

Ao iniciar-se a primeira sessão da segunda legislatura da Assembléia Provincial, em 1.º de março de 1846, o grande brasileiro que pacificara a província, o então Conde, mais tarde Duque de Caxias, na relatório que apresentou, propunha o aumento de mais duzentos homens no Corpo Policial e que fosse reorganizado e armado como os Dragões, para que pudesse servir a pé ou a cavalo, conforme as necessidades. Saliêntava, ainda, o bravo cabo de guerra, a justiça de se assegurar o futuro dos oficiais, que bem servissem à província, por alguns anos, concedendo-se-lhes direito à reforma, como acontecia no Rio de Janeiro. Esta medida, de alto alcance social e humanitário, entretanto, só muitos anos mais tarde é que veio a tornar-se realidade.

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

Por correspondência

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de taquigrafia por correspondência do Instituto Brasileiro de Taquigrafia, órgão fundado em 1944 e reconhecido de utilidade pública. O curso compõe-se de apenas 12 lições, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em Exame Final, também por correspondência. Os interessados deverão escrever dando nome e endereços para a caixa posta! 8934, São Paulo.

SOCORRO CLÍNICO CARDIOLÓGICO NAS AERONAVES COMERCIAIS E AEROPORTOS

Oscar Abranches

Capitão Médico da P. M. R. J. - Niterói

Uma das úteis providências que devem ser adotadas nos transportes aéreos e aeroportos é o socorro médico de urgência na imprevisível possibilidade de falência cardíaca a seus passageiros.

Motivos plausíveis existem para ser postos em prática a tão nobilitante ação de ajuda médica àqueles em estado periclitante de saúde.

Por imperiosa e urgente necessidade, pessoas das várias camadas sociais são obrigadas a utilizar como meio de transporte rápido o avião e muitas delas têm ojeriza a essa modalidade de viagem, por medo. É lógico que tal sugestão maléfica irá refletir-se no sistema nervoso de tais indivíduos, podendo trazer-lhes uma sensação de angústia precordial com lentidão do pulso, isto é, uma bradicardia, com possível síncope cardíaca e, se não houver o socorro médico de urgência, dum analéptico circulatório teremos a lamentar a perda duma vida.

Os corajosos, os conformados ao que lhes possa suceder em caso de desastre aéreo, poderão estar a salvo duma "morte súbita" porque não são nervosos.

Há muitos que são portadores de lesão cardíaca em evolução, uma estenose mitral com possível acometimento das cavidades direitas do miocárdio, e será surpreendido pela síndrome de Adams-Stokes, o bloqueio completo do coração, ou então uma paralisia cardíaca. Não havendo a bordo da aeronave o socorro médico de urgência, com medicamentos adequa-

dos ao caso de cloridrato então o dos ao corolário dessa anomalia circulatória será o exito letal.

Outros são diabéticos, tendo suas artérias coronárias esclerosadas. Não estão isentos de ser fulminados por um enfarte do miocárdio, na ausência da terapêutica médica de urgência, com heparina em injeção endovenosa, morfina em injeção intramuscular ou abaina, cedilanid, cafeína, cânfora, efedrina, extrato suprarrenal etc. Tudo isso dará tempo a que o paciente seja posteriormente socorrido mais eficientemente no posto de Socorro Médico dos aeroportos e conseqüentemente hospitalizado se for necessário.

Um ilustre professor viajava de avião ao norte do país. Com 15 minutos de vôo, o piloto da aeronave, foi obrigado a retroceder ao Aeroporto Santos Dumont, em virtude dum malestar cardíaco que assaltou o viajante. Este faleceu, porque perdeu muito tempo para ser socorrido em um hospital do Rio de Janeiro (Serviço de Cardiologia). O paciente era portador duma insuficiência aórtica.

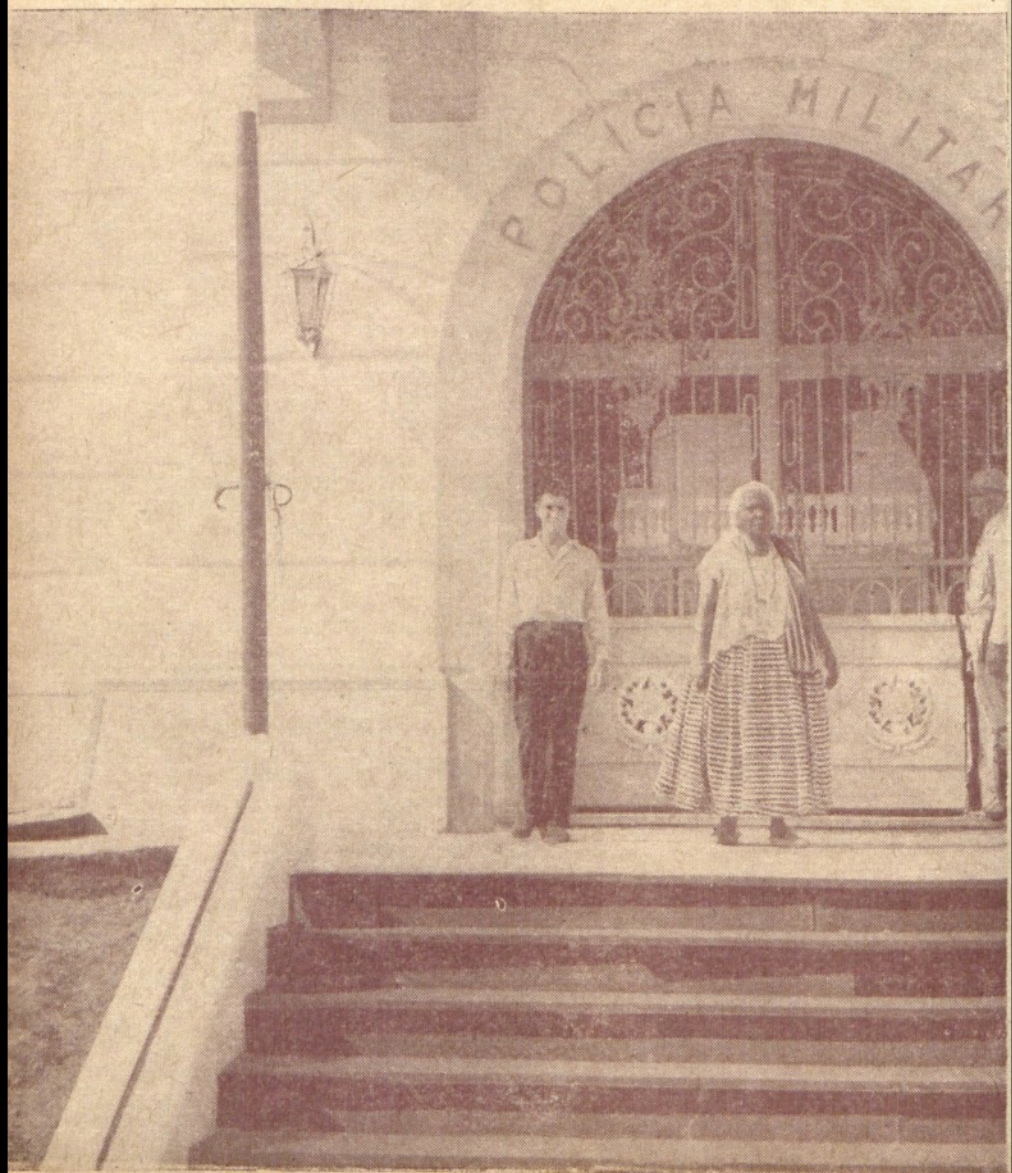
— Os jornais noticiaram há pouco a perda naturalmente irreparável para seus entes queridos, duma senhora alemã, quando a aeronave já havia aterrissado, — vítima de "morte súbita".

Essas conjecturas de medicina urgente, ou preventiva, fazem alarde para a instalação de postos médicos nos aeroportos ou serviços de enfermagem a bordo dos aviões, a fim de preservar-se a saúde dos passageiros.

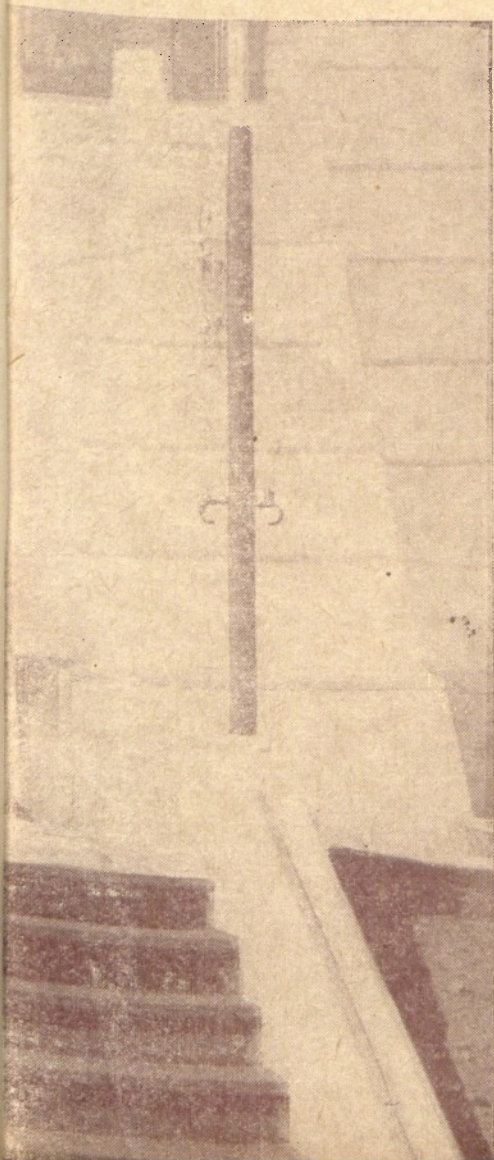
Cel. José Hipólito Trigueirinho

escreve

BAHIA DE TODOS OS SANTOS



Trigueirinho Neto, cineasta ainda jovem, é olhado com respeito pela crítica. A estréia de sua "Bahia de Todos os Santos" é aguardada com interesse pelo público. Produto de estudos realizados na Itália e no Brasil, merece todo o carinho de seu diretor. Araçari de Oliveira, Lola Brah, Manoel Vitor, Eduardo Waddington, Sadi Cabral e Jurandir Pimentel são alguns nomes constantes do elenco. Grande número de extras foi mobilizado pelo diretor na Bahia. E, como não podia deixar de ser, a Polícia Militar da Boa Terra colaborou na realização da película. O pai do cineasta, cel. José Hipólito Trigueirinho, conta-nos adiante como foi recebido naquela co-irmã, quando lá esteve em companhia de seu filho.



Tratando-se do filme "BAHIA DE TODOS OS SANTOS", a Polícia Militar da Bahia não podia omitir-se, integrada como é na História e na Vida do Estado-Mater do Brasil. A foto, tirada no portão das armas do elegante Quartel dos Afritos (Comando Geral), mostra Mãe Masu (autêntica "mãe-de-santo" balana) que, após longo interrogatório pelo capitão-delegado, consegue retirar o neto (Jurandir Pimentel) da custódia.

A ida de meu filho Trigueirinho Neto a Salvador, para realizar o seu primeiro grande sonho como diretor cinematográfico — a rodagem do filme “BAHIA DE TODOS OS SANTOS”, de sua autoria — arrasou-me ao berço do Brasil, essa Bahia cheia de encantos e generosidade, na qualidade de administrador.

Trigueirinho Neto ali estivera, em agosto e setembro de 1959, durante vinte e cinco dias, nos trabalhos prévios da escolha de ambientes, de artistas, de coadjuvantes e de meios locais a empregar.

Recebido na Polícia Militar como filho que é de oficial da co-irmã de São Paulo, foi pela milícia baiana levado ao governador, gen. Juraci Magalhães, ao secretário Ruy Santos, ao prefeito Heitor Dias, ao Reitor da Universidade, ao Departamento de Turismo da Prefeitura, à Petrobrás, à imprensa, ao rádio e aos meios artísticos da terra de Rui.

Resultado: fidalga acolhida e colaboração eficiente e entusiástica. Não cito nomes pelo receio das infalíveis e humanas omissões, sempre penosas; mas afirmo que todos têm sido extraordinários na acolhida, como na cooperação, traços característicos da generosidade baiana.

Chegamos para a filmagem a 24 de Outubro, à noite.

Nesse mesmo instante, fui à residência do cel. Antônio Me-

deiros de Azevedo, ilustre comandante geral, levado pela mão tão amiga quão generosa do brilhante colega ten. cel. Durval Tavares Carneiro.

Recebido no seio de sua família, manifestei-lhe, de logo, que a minha primeira visita, ao chegar à Bahia, era para o comandante da Polícia Militar, na intenção de, homenageando o chefe, render idêntico tributo à corporação irmã, onde eu já contava excelentes e caros amigos, como também expressar o meu reconhecimento pela acolhida e gentilezas dispensadas ao meu filho.

A palestra, marcada de assuntos vários e instrutivos e de franca jovialidade, prolongou-se imperceptivelmente por cerca de uma hora e serviu para travar conhecimento com sua esposa, filhos e genro no aconchego amável do seu lar.

Dois dias após, fui apresentar-me no Comando Geral, como oficial que sou da reserva, e que não se considera senão licenciado.

Apresentado aos Oficiais Superiores presentes, nova palestra se desenrolou, marcada pelas mais expressivas manifestações de camaradagem militar, sadia e franca, que muito dignifica e enobrece as nossas corporações policiais.

A propósito, no Boletim Geral n.º 138, de 3 de novembro, item XIX, pág. 1447, publicou Sua Excelência o seguinte:

“Apresentação de Oficial. (visita) — Apresentou-se nesta P.M., em data de 31 do mês p.findo, o Coronel da Reserva José Hippolito Trigueirinho, da Fôrça Pública de São Paulo, que se encontra a passeio nesta Capital e hospedado, entre nós, na Guarnição da Vila Militar do Bonfim.

A apresentação do Coronel Trigueirinho, pela gentileza de que se revestiu, teve para nós o cunho de uma honrosa visita, por isso que, recebido familiarmente no Salão Nobre dêste Quartel, foram-lhe apresentados os Diretores de Departamentos, Chefes de Serviços e outros oficiais do Q.C.G.. A presença do ilustre visitante, além de haver dado margem ao despertar do sincero prazer que sempre sentimos, quando do contato íntimo e fraterno com os companheiros das Corporações co-irmãs, por outro lado fêz-nos lembrar, também, da acolhida amiga e distinta que, em particular, a Fôrça Pública de São Paulo tem dispensado aos nossos camaradas, em tôdas as oportunidades que hão comparecido àquela progressista unidade da Federação.

Que nada falte, pois, ao Coronel Trigueirinho, é o desejo deste Comando e dos demais componentes desta P.M. (Nota Q.C.G. 169/59.)”

Dali regressamos a 11 de fevereiro, após três meses e quatorze dias de permanência na Guarnição da Vila Militar do Bonfim, elegante e simpática Vila, diga-se por amor à verdade, sem lisonja falaciosa.

No dia 9, apresentei-me ao Comando Geral, conforme publicou o Boletim Geral Ostensivo n.º 32, de 10; item I; e, na oportunidade, passei às mãos do cel. Azevedo a seguinte carta, que o item XI desse Boletim transcreveu:

“Meu Comandante.

Em B.G. 10 n.º 138, de 3 Nov. pp., item XIX, V.Excia. publicou a minha apresentação e visita e encerrou com estas palavras de profunda camaradagem: “Que nada falte, pois, ao cel. Trigueirinho é o desejo deste Comando e dos demais componentes desta P.M.”

Realmente, meu Comandante, nada nos faltou, material e moralmente.

A quantos recorriamos, eramos prontamente atendidos com solicitude comovedora, numa demonstração exuberante de quanto pode a camaradagem militar existente entre as nossas Corporações irmãs, camaradagem que se sublima à medida que os contatos pessoais se estabelecem.

Não aponto nomes, Unidades e Serviços pelo receio de possível omissão, sempre dolorosa.

A tôda a P.M. da Bahia, por intermédio de V.Excia., a nossa profunda e imorredoura gratidão.

E que esse exemplo frutifique entre as nossas Co-Irmãs, para nossa maior força e prestígio, que nos levarão à obtenção dos sagrados ideais de nossa grande família policial-militar.

Em São Paulo, à Avenida S. João 1297, apartamento 1.002, gostaria de receber as ordens dos prezados e já queridos colegas da P.M. da Bahia, aos quais abraço com efusão na pessoa de V.Excia., seu e meu Comandante.

Afetuosamente, Cel. José Hippolito Trigueirinho, da Fôrça Pública de São Paulo”.

Diante de tais fatos concretos, parodiaria o lusitano amigo, dizendo que “já não sei onde termina a Fôrça Pública de São Paulo e onde começa a Polícia Militar da Bahia”, tal o afeto, que a estreita aproximação cria, alimenta e exalta!

Finis Coronat Opus!

Cel. Hippolito Trigueirinho

Charadista!

Cruzadista!

Acha-se à venda o *ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO*, de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para charadistas e cruzadistas, com um suplemento contendo alfabetos, música, noções sobre cabala e sinais diversos empregados pelos apreciadores da arte enigmística.

O "*ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO*" é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos dicionários adotados nas seções de palavras cruzadas e de charadas das publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compôr e decifrar charadas, enigmas desenhados e palavras cruzadas.



Pedidos pelo reembolso postal, à gerência de MILITIA — rua Alfredo Maia, 106 — SÃO PAULO — BRASIL.

Associando-se às comemorações henriquinas, MILITIA pública adiante um conto de Antônio Pousada, escritor português radicado no Brasil. É uma página extraída de seu livro "Contos da Bairrada". Nascido em Trás-os-Montes, Pousada veio para cá ainda pequeno e aqui ficou. Voltou uma vez a sua pátria, mas por pouco tempo. Já escolhera um novo lar. Está há meio século entre nós e entre nós publicou seus 15 livros. As edições são reduzidas e, grande parte do público não o conhece. No número 83 de MILITIA, (Três Personagens" página 29) o leitor poderá ver a opinião favorável de críticos de Portugal e do Brasil. Com seus cinquenta anos de Brasil, o autor não perdeu os sentimentos adquiridos na infância, que dão a seus escritos o sabor lusitano. Nada mais justo, portanto, que seja êle o escolhido para esta homenagem à terra do infante dom Henrique.

O Porco e o Burro

Antônio Pousada

*P*OR uma tarde enfarruscada de dezembro, o velho e trôpego gérico do tio Antônio Capador tivera a rara felicidade de ficar na loja a mastigar a sua pobre e chorada ração de palha centeia, que lhe botara o senhor seu dono.

No mesmo cortelho, porque o tio Antônio não era rico, grunhia um reboludo e avantajado reco, lá mais pro fundo da loja — reco êste como todos os recos do mundo, que não sabem fazer outra coisa senão comer e dormir, sem nunca saberem o que é trabalhar ou sofrer arrelias da vida.

Já depois de ter rilhado muita palha e meditado por que razões o tio Antônio o deixara naquela boa vida aquêle cibo de tempo, o gérico foi perturbado pelos grunhidos do seu companheiro de loja, o qual estava, quase sempre quando êle chegava, metido lá pro meio das palhas. Quando nisto, a rôgo de tanta choradeira, a tia Henriqueta trouxe-lhe um balde de cozinhado bem quente e bem engrossado de farelo e abóboras, o que despejou na pia de cantária, para onde se dirigiu pesadamente o gordo suino, afim de se falar e depois voltar pras palhas.

Mal a tia Henriqueta havia dado meia volta à aldrava, o ocioso morador do cortelho, querendo mostrar-se gentil com o seu amigo, porque raras vêzes o tinha para companheiro dum paleio durante o dia, e ainda para gabar-se e fazer pouco da sua humildade, disse-lhe num tom de soberbia:

— É servido, compadre Burro?

— Muilo obrigado, compadre Porco... Não estou acostumado a lambarices!

— Por que não faz vossemecê como eu? No dia em que não me dão boa cama de palha enxuta, ou não me deitam a lavagem a tempo e a horas, faço uma grunhideira de seiscentos diabos, que não tem mais fim... Daí a pouco, olha a tia dona a compôr-me o ninho e a trazer-me balde de cozido a funegar! Onde já se viu agora uma coisa destas que fazem a vossemecê... sempre a trabalhar, a trabalhar, todos os dias pra um lado e pro outro, é pra lá com carga às costas, é pra cá com o mal encarado do patrão no lombo, pra no fim das contas, ganhar magra ração de feno, ou quando muito, um pouco de palha painça!... Havia de ser comigo:

Nesses momentos, porém, o gérico, ouvindo ao longe os gritos lancinantes dum outro porco que estava sendo arrastado pro banco da morte, afim de ser morto com todo o ritual da malança que se usa nas aldeias portuguesas, e mastigando numa alegria íntima e satisfeita a sua pobre ração de palha centeias, respondeu filosoficamente ao seu vaidoso companheiro:

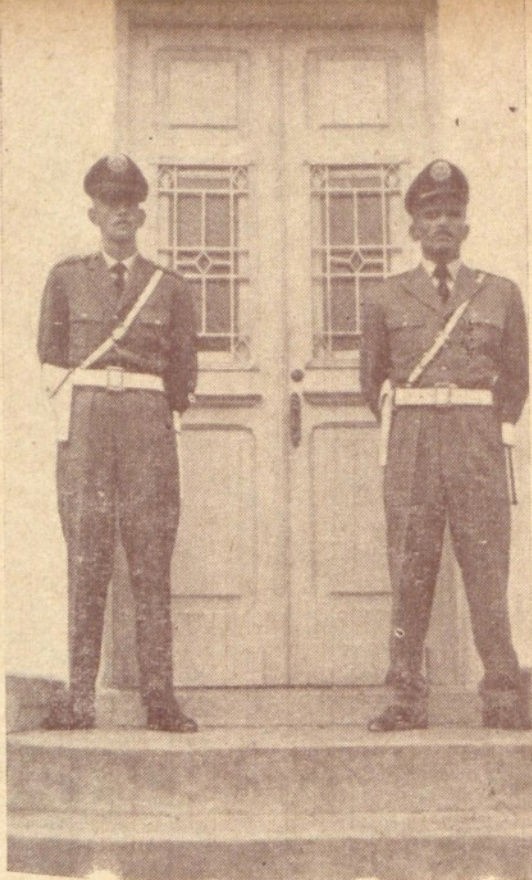
Ande lá, ande lá com as suas grunhideiras... e no dia em que não lhe derem de cear, verá o almôço que tem...

C. P. D. P.: Urbanidade e dedicação a serviço do povo paulistano

Enquadrada no 11 B.P. (ex-Batalhão de Trânsito) a Cia. de Pol. de Div. Públicos, é comandada pelo capitão AMADEU JOSÉ FAÚSTINO, auxiliado pelos tenentes HOMERO D'INCAO GAIA e EDSON FERRARINI. A C.P.D.P. tem a seu cargo o policiamento das casas de diversões públicas, no setor da Fôrça Pública - bairros de Bom Retiro, Santana, Penha, Canindé, Casa Verde, Vila Maria, Tucuruvi, Vila Matilde, São Miguel e Jaçanã - 60 (sessenta) cinemas, bailes, boifes, "bar-shows", festas, batizados, casamentos e um policiamento em igrejas.

Prevenção contra fogo e evacuação de cinemas, teatros e outras casas de diversões públicas, legislação sobre divertimentos públicos, noções sobre socorros de urgência, conhecimentos sobre relações públicas, regulamentos policiais-militares e preparo físico apurado eis o cabedal de conhecimentos de um soldado da C.P.D.P.

Quando, porém, o público vê um daqueles homens em serviço, não sabe a preparação e o esforço que representa seu trabalho. Por isso, os oficiais responsáveis pela sub-unidade, a pedido de MILITIA, dedicaram um pouco de seus momentos de folga à redação da reportagem aqui estampada, para que nossos leitores tenham uma idéia da seleção e da formação daqueles milicianos.



Amadeu José Faustino, cap.

Homero D'Incao Gaia, ten.

Edson Ferrarini, ten.

escrevem

Companhia de Policiamento de Divertimentos Públicos

Tropa de Elite da Fôrça Pública



FUNCIONAMENTO: SELEÇÃO E PREPARO FÍSICO

108 homens, da C.P.D.P. empregados na capital, policiam diariamente 60 cinemas e outras casas de diversões públicas. O policiamento nos cinemas, o mais importante, é feito da seguinte maneira: o soldado é efetivo no posto e para lá se dirige 30 minutos antes do início da ses-

são, permanecendo até o término da mesma; nesse ínterim organiza filas, mantém a disciplina no cinema, verifica o funcionamento dos extintores de incêndio, se as portas de emergência não estão fechadas a chave, se a iluminação está funcionando perfeitamente, tomando, caso contrário, as providências cabíveis; veda o ingresso de bêbados e desordeiros, bem

como o de portadores ostensivos de armas ou instrumentos perigosos.

A seleção do homem é feita obedecendo aos seguintes critérios:

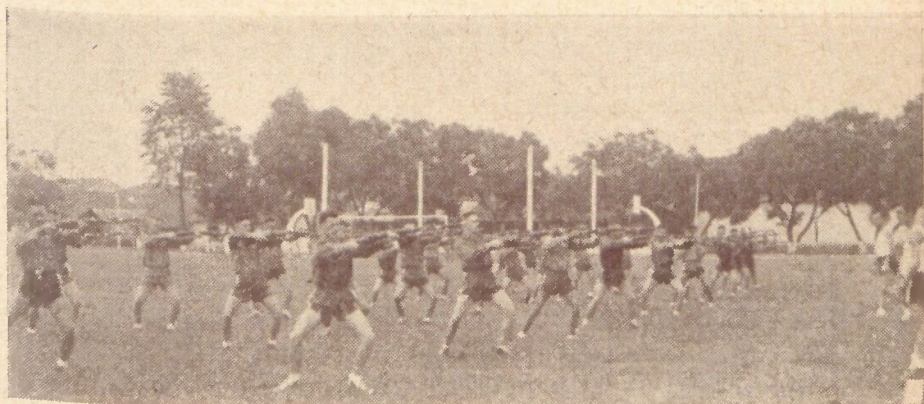
- a) — aspecto e condições físicas;
- b) — capacidade intelectual e personalidade.

O preparo físico é apurado, pois duas vêzes por semana é exercitado

o policial na Escola de Educação Física, onde pratica ginastica acrobática, box, luta livre, judô, futebol, bola ao cesto, volei, e atletismo, segundo o biotipo e pendor natural de cada um, para esta ou aquela modalidade esportiva, sendo que o comandante da E.E.F. oferece todo o apoio necessário, cedendo para cada



Manejo de armas



modalidade, além do material esportivo, competentes monitores.

PREVENÇÃO CONTRA FOGO E EVACUAÇÃO DE CINEMAS, TEATROS E OUTRAS CASAS DE DIVERSÕES PÚBLICAS

A C.P.D.P. recebe instruções, no quartel central de Corpo de Bombeiros, de como manusear os extintores nas casas de diversões e como extinguir princípios de incêndio. A evacuação de teatros e cinemas é outra parte importante, pois o seu conhecimento pode levar a consequências imprevisíveis.

LEGISLAÇÃO SOBRE DIVERSÕES PÚBLICAS

O perfeito conhecimento sobre a legislação de diversões públicas evita que o soldado pratique arbitrariedades ao executar sua missão policial-militar. Sabedor de suas obrigações o militar tem personalidade, impondo-se aos frequentadores da casa de diversões cujo policiamento lhe é confiado.

NOÇÕES SOBRE SOCORROS DE URGÊNCIA

O soldado da C.P.D.P. não pode desconhecer que o primeiro socorro, ou seja aquele que é prestado no local, com os meios de que dispõe, pode salvar uma vida; então: como

atender em caso de insolação, um desmaio, uma fratura, uma hemorragia etc., faz parte do conhecimento de um soldado da C.P.D.P., que, periodicamente recebe instruções sobre socorros de urgência.

INSTRUÇÃO POLICIAL MILITAR

A ordem unida, a esgrima a baioneta, a educação física e o conhecimento sobre os regulamentos da Força Pública são ministrados ao soldado de Diversões Públicas. O civismo é despertado em todos os elementos e o espírito de corpo é bastante cultivado. O Comando da Companhia faz, junto às autoridades civis e demais entidades, um eficiente trabalho de relações públicas, visando bem conceituar a Força Pública perante a coletividade, trabalho de relações públicas que é iniciado com a impecável apresentação do soldado, sempre orientado a agir com calma e urbanidade.

Recentemente criado na C.P.D.P. o policiamento nas principais igrejas de nosso setor faz com que três ou quatro mil fiéis, todos os sábados, domingos e feriados sintam a presença do soldado da Força Pública em sua paróquia, prestigiando-a e incutindo confiança a certeza de que uma criança ou uma pessoa idosa tem um policial para ampará-la, especialmente nas vias públicas.

CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Força Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares. Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

BOLETIM, órgão informativo da Biblioteca do Exército, Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, n.º 36, janeiro, e n.º 37, fevereiro de 1960. Distribuição gratuita aos assinantes da Biblioteca. Diretor: cel. Humberto Peregrino Fagundes; secretário: cap. Milton Garpar.

Publicações

AÉRO MAGAZINE, revista mensal da Fundação Santos Dumont — São Paulo, n.º 25, janeiro, e n.º 26, fevereiro de 1960. Diretor: Jaime Velez; redator-chefe: eng. Romeu Corsini; editores: Lauro Luz e Georg Ivanov; redator-secretário: Paulo Santos Matos.

NOSSA ESTRADA, mesário de cultura ferroviária, da E.F. Sorocabana — São Paulo, n.º 258, janeiro, e n.º 259, fevereiro de 1960. Diretor: Naime E. Busamara; redator-chefe: Honorival dos Santos; redator-gerente: Sílvio Frezza.

GENDARMERIE NATIONALE, revista trimestral de estudos e de informações, da Gendarmeria Nacional francesa — Paris, n.º 43, 1.º trimestre de 1960. Editada sob a direção da Gendarmeria e da Justiça Militar. Acompanham o número um croquis rodoviário e uma gravura em cores, mostrando gendarmes departamentais (1 831-1 836).

FUERZAS ARMADAS DE VENEZUELA, revista mensal do Ministério da Defesa daquele país — Caracas, n.º 163, janeiro de 1960. Acompanham o número 2 suplementos, um sobre a batalha de Carabobo e outro contendo ensaios sobre a formação militar dos libertadores e Cipriano Castro. Diretor: cel. Raul Antó-

nio Croce Roa; chefe de redação: cap. Emerico Gonzales Medicci.

PN, revista semanal de publicidade e negócios — Rio de Janeiro, números de janeiro e fevereiro de 1960. Diretores: Manuel de Vasconcelos e Genival Rabelo; chefe de redação: Severino M. Carneiro; assistente de redação: Valmir B. Monteiro.

AÇÃO DEMOCRÁTICA, boletim mensal do Instituto Brasileiro de Ação Democrática — Rio de Janeiro, n.º 10, janeiro, e n.º 11, fevereiro de 1960. Diretor superintendente: Ivan Hasslocher; redator-responsável: Sérgio D. T. Macedo.

BOLETIM DE HIGIENE MENTAL, órgão mensal da Instituição de Assistência Social ao Psicopata — Hospital Psiquiátrico de Juqueri, em Franco da Rocha, agosto de 1959, n.º 180. Diretor: Paulo Fraletti; secretário: Atíla Ferreira Vaz.

Recebidas

ESSEPEVE, revista mensal da Diretoria de Rotas Aéreas, Ministério da Aeronáutica — Rio, n.ºs 32-33, de janeiro-fevereiro de 1960. Supervisor: ten. cel. av. Paulo Salema G. Ribeiro; superintendente: Otacilius S. Amazonas; redator-chefe: 3S Odair de Oliveira; secretário geral: José Fernando Cristelo Pinheiro.

A RURAL, revista da Sociedade Rural Brasileira — São Paulo, n.ºs 466 e 467, de janeiro e fevereiro de 1960. Diretor: Luis de Toledo Piza Sobrinho; secretário de redação: Vicente Maurino; presidente da Sociedade: Renato da Costa Lima.

O TUPY - GUARANI

Ten. Luiz Carlos Peres

Em nossos dias, são pouquíssimas as pessoas que se ocupam dessa língua, em cujo campo etimológico prepondera a imaginação e, às vezes, ousadas explicações hipotéticas, no tocante às verdadeiras significações dos vocábulos tupy-guaranis.

De fato, para fazer a fixação real dessas significações, o estudioso, se situa dentro de um assunto de proporções bastante elásticas, criando daí, provenientes de suas investigações, conjecturas que muitas vezes se furtam de sua exata gênese e estrutura das palavras.

Com o propósito da significação dos vacábulos, analisando-os, é necessário fazer a decomposição de seus elementos, quase sempre fáceis de serem destacados, para depois proceder a tradução. Não há dúvidas que a colonização ortuguêsa e a catequese cristã vieram acarretar modificações na cultura dos grupos tupy-guaranis, quer do litoral, quer do interior.

Devido às contingências históricas vemos notoriamente a imposição de grande número de expressões adaptadas em nossa linguagem brasileira.

Com facilidade podemos verificar essa influência, principalmente na toponímia de nosso país, cuja originalidade de sua interpretação, às vezes, torna-se difícil, pois em geral os nomes foram escolhidos e vulgarizados pelos catequistas.

Mas apesar de tudo, não deixa de ser curioso tomar conhecimento a respeito de algumas significações.

Vejamos alguns exemplos de topônimos, nomes de plantas, animais etc.:

Itapeva: ita = pedra + peva = plano, chato

Itapefy: pedra esburacada

Itapoã: pedra arredondada

Piraçunuga: pira = peixe + çununga = roncador

Itu: salto, cachoeira

Tobatinga: toba = barro + tinga = branco

Mococa: mo = fazer + coca = roça

Piramboia: peixe cobra

Taracutinga: formiga branca

Caatinga: mato branco

Pipoca: pi = casca + poca = estalante

Em consulta à interessante obra de BATISTA DE CASTRO, vejamos outros exemplos:

Anhiembi, inhambu — perdiz

Apicui — pássaro pequeno

Aracy — mãe do dia

Arapecô — morro

Ararão — arara

Áriá — avô paterno

Babá — coco

Cará — talo áspero

Caapii — capim

Caramuru — peixe-d'água salgada.

Cayapó — incendiário

Chui — pintassilgo

Guaracy — sol

Enx — vespa

Guarapa — caldo de cana

Manacá — ramalhete cheiroso

Mingau — sopa

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno de Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

O médico desenganou-o. Que fazer? Tôda a luta contra a moléstia tem sido inútil. Só lhe resta esperar a morte. Desde já é um cadáver ambulante. Começa a contagem invertida de seus dias: falta um ano... seis meses... um mês. Tudo em razão do fim que se aproxima. E seu estado de espírito acelera-os.

Passa-se algum tempo e... nada mais. E' a natureza ingrata. Cria o mal e o homem luta milênios para achar o antídoto.

Mas a ciência persiste. E vence

Seus mártires são incontáveis. Tombam esmagados pelos preconceitos ou por interesses econômicos. Ou sucumbem, absorvidos pelo próprio esforço. Mas sua obra perdura, em benefício da humanidade.

Assim faz a ciência. Assim se faz na Fôrça Pública, onde um punhado de pesquisadores desinteressados devassa o mundo do infinitamente pequeno. E o mal é atacado em suas raízes. O micro-organismo — é verdade — continua a fazer vítimas. E atacado, porém, por soldados obscuros do exército da paz. E será vencido.

A partir dêste número, o leitor acompanhará, através das páginas de MILITIA, a luta que se desenvolve no Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública, em busca da cura da moléstia terrível.

**Isolado no
Hospital
da Força**

**O VIRUS DO
CANCER**

O micro-organismo considerado causa do câncer foi isolado no Hospital Militar da Força, por uma equipe do Departamento de Pesquisas do Centro de Estudos Médicos, que executa presentemente experiências com um tipo de vacina contra a moléstia, com resultados satisfatórios. O isolamento do parasito já fora conseguido muitos anos antes, na Alemanha, por Von Bremer, mas a reação de corrente oposta impediu que o cientista atingisse seus objetivos. Agora, desaparecido o iniciador das pesquisas, um seu discípulo, que dirige o grupo de médicos paulistas, conseguiu repetir a proeza e progredir. É o dr. Estêvão de Almeida Prado, que se dedica ao assunto há cerca de 10 anos.

O dr. Alfredo da Silva Lacaze e os capitães médicos Osvaldo Martins Leal, Paulo Vassal e Plirts Nebó são os outros pesquisadores, que contam com a colaboração de todos os seus colegas componentes do Serviço de Saúde.

O MICRO-ORGANISMO PATOGENICO

No início dos trabalhos, discutia-se a teoria do micro-organismo, defendida por Bremer. Como ponto de partida, era preciso confirmá-la ou negá-la. Os estudos realizados confirmaram-na totalmente. O parasito foi encontrado no sangue de todos os doentes examinados. E foi

constatada sua inexistência em inúmeros pacientes não portadores da moléstia.

O mesmo se verificou no caso inverso: inoculado o vírus em animais, todos contraíram a moléstia. Ratos, coelhos e até cobaias — todos apresentaram os mesmos sintomas. Sabe-se que, de todos os animais usados em tais experiências, a cobaia é o mais refratário de todos, o que vem mais uma vez confirmar a teoria do sábio alemão. Apenas uma entre mil cobaias adquire moléstias por meios naturais. E nem entre elas houve uma que se salvasse, quando inoculado o micro-organismo.

TERAPEUTICA POR VACINAS E SOROS

Os nossos pesquisadores mostram-se otimistas quanto aos resultados da vacina a cujos estudos se dedicam. Já colheram os primeiros frutos e prosseguem seus estudos sem interrupção.

Agora pensam em utilizar cavalos velhos do Regimento «9 de Julho» para a produção de um soro destinado a novos e modernos métodos de cura, como alias já se esta fazendo nos E.U. e Alemanha. São animais que não podem ser aproveitados no serviço e — se devem ser sacrificados — pensam os médicos — que o sejam em beneficio da ciência. Tudo está em projeto, dependendo do seguir dos estudos.

AINDA OS PRECONCEITOS

Recorda-se que há anos numerosos cientistas brasileiros lutam com o mesmo fim. Um deles chegou a tentar a cura da moléstia, aplicando uma droga em inúmeros casos, no Brasil e no exterior. Se os resultados obtidos foram encarajadores ignora-se, pois fêz-se silêncio e tudo foi esquecido. O outro parece haver conseguido apreciável sucesso, mas suas experiências foram muito divulgadas, o fato provocou reação e... nada mais se sabe.

Os que atuam no Centro de Estudos Médicos preferem o trabalho silencioso e são cautelosos em suas afirmações. Também não comentam atos hostis. Contudo, um facultativo estranho ao grupo e à Força Pública, não obstante ser também comedido, lembrou ao repórter: «Enquanto se estuda, doentes procuram, quando podem, especialistas no exterior. Gastam, freqüentemente, muito além de suas posses, em viagens aos maiores centros do mundo. Compram esperanças, ouvem promessas e... sucumbem. A ilusão de terras estranhas alimenta sonhos, mas não garante a vida. E que a terrível moléstia continua impune. Mas será vencida. A

esperança de que ela seja eliminada é universal, mas está bem perto de nós.»

A propósito de notícias vindas dos Estados Unidos, admitindo a teoria parasitária vagamente, mas sem mencionar Von Bremer e outros nomes conhecidos, exclamou: «Ora, nomes estranhos incomodam!»

PRECISAM FUNDOS

Nossos pesquisadores não se queixam. Mas a reportagem esteve no Hospital Militar e constatou que o Departamento de Pesquisas ainda não tem o equipamento necessário a um laboratório moderno, o que se compreende, por ser aquela organização iniciativa particular de um grupo de estutiosos. Não sendo entidade oficial, não lhes cabe verba, no orçamento do Estado. Contam, porém, com forte dose de esperança de obter fundos aos poucos.

Um microscópio está à disposição deles no H.M.. Contudo, precisam recorrer freqüentemente a laboratórios particulares. A reportagem observou que o dr. Estêvão de Almeida Prado encontrou em nosso Hospital campo propício para seus estudos, porque ali conta com um material indispensável: seriedade científica.

O PROBLEMA DO CANCER

O que é o cancer? O que provoca seu aparecimento? Onde é mais comum? Quais seus primeiros sinais? É uma moléstia geral ou localizada? É mais comum no homem ou na mulher? No adulto, velho ou criança?

Poderíamos encher estas colunas de perguntas. Mas poderíamos dar as respostas? Não. Infelizmente não poderíamos e por uma razão muito simples: **NINGUEM SABE NADA SOBRE O CANCER.**

Hipóteses, teorias, casuísticas e mais casuísticas, causas prováveis, causas suspeitas de provocarem o tumor, isso existe «aos montões», mas de real, de palpável, de certo, ninguém sabe nada.

Sobre as muitas teorias que são lançadas para a sua explicação, uma que tem permanecido inabalável desde a época de Pasteur é a teoria parasitária do câncer. Segundo essa teoria, o câncer seria provocado por um micro-organismo, parasitário de nosso corpo e que, devido a vários fatores, provocaria o aparecimento do tumor.

Diversos autores já isolaram inúmeros tipos de parasitas no câncer dos vegetais e animais de várias espécies, como aves, peixes, mamíferos mas ainda nada conseguiram isolar do câncer do homem. E muitos relutam que o câncer do homem é diferente do câncer dos animais. Ora, senhores, por acaso não somos animais? ou seremos um gênero diferentes dos mamíferos superiores!!!

Não resta dúvida que somos do gênero dos animais mamíferis superiores e, assim sendo, se o câncer das aves, vegetais e mamíferos é ocasionado por um micro-organismo, logicamente o câncer humano deve ser produzido por um parasita.

A polêmica atravessa anos e anos e ainda NINGUEM sabe nada.

Vamos, em rápidas pinceladas, relatar a TEORIA PARASITARIA DO CÂNCER, iniciando por palavras de Pasteur. «O câncer deve ser produzido por um micro-organismo, ainda não isolado, ainda, não conhecido e individualizado, que provocaria uma moléstia geral, cuja flor é o tumor».

Se considerarmos essas sábias palavras de Pasteur, veremos que naquela época, em que iniciava o novo mundo dos micro-organismos, a sífilis também era tida como uma dessas moléstias cujo agente etiológico não se conhecia e cuja flor era um tumor, denominado goma. Por acaso, se operássemos e retirássemos uma goma sífilítica, curaríamos a sífilis? Não. Foi preciso conhecer seu agente etiológico, isolá-lo, identificá-lo, para depois combatê-lo... E hoje, raríssimos casos de lues chegam à formação das gomas.

Por aí vemos que, provavelmente Pasteur estava com a razão. O câncer de fato é uma moléstia geral, pois bem antes de se formar o tumor, já o paciente apresenta uma série de sintomas e sinais que caracterizam a moléstia. Mas ainda estamos na época de esperar o aparecimento do tumor. Para operar, operar, retirar o tumor, mas... conseguimos acabar com a moléstia?

A simples retirada do tumor, com o esvaziamento ganglionar geralmente preconizado, de nada adiantará contra uma moléstia geral. Indicamos então a radioterapia, a cobaltoterapia ou o próprio rádio, afim de queimarmos os possíveis restos tumorais. Mas, se de fato for parasitário, seu efeito de nada adiantará e, dentro de alguns anos, nova flor, nova tumoração e esta geralmente inoperável, suas «raízes» já alastradas de tal maneira que nada adiantará.

Vários autores tem defendido essa teoria e, entre eles, devemos citar o prof. Von Bremer, cientista alemão, falecido há um ano, que desde 1932 batalhava nesta descoberta fenomenal: o isolamento de um micro-organismo que, segundo sua descoberta, provocava o câncer humano e também dos animais. É um micro-organismo em forma de bastonete, semelhante ao produtor da lepra e da tuberculose, do gênero Mycobacterium, cuja evolução é bem variada, passando por vários estágios antes de atingir a forma adulta e daí, sua denominação de Syphonospora polimorfa.

Von Bremer, conseguiu isolá-lo, cultivá-lo em meio de cultura especial e, quando inoculado em animais de laboratório, provocar o aparecimento de câncer.

A Syphonospora segundo sua teoria é um parasito normal de nosso sangue e, por modificações de p.H. sanguíneo e outros fatores, torna-se virulento, ocasionando uma moléstia geral, com emagrecimento, perda de resistência física, anemia, cansaço, desânimo e, finalmente, surge como um tumor, que se localizaria em tecido de menor resistência.

Entre vários colaboradores de Von Bremer, está o dr. Estêvão de Almeida Prado, que teve a oportunidade de estudar com ele na Alemanha e trazer grande material de estudo para S. Paulo.

No início do ano passado, por intermédio do dr. Alfredo Lacazze, entramos em contato com o dr. Estêvão e, desde lá, temos trabalhado em conjunto para, refazendo os trabalhos de Von Bremer, conseguir os resultados por ele obtidos.

Temos obtido grandes resultados. Conseguimos isolar a Syphonospora, cultivá-la em meio especial e em vários casos, constatar a presença desse parasito, no sangue circulante de portadores de câncer. Devido ao grande interesse despertado, trouxemos o dr. Estêvão ao Centro de Estudos Médicos da Força Pública de S. Paulo, onde, após brilhante conferência, nos esclareceu seu propósito de conosco trabalhar para esse gigantesco fim.

Com permissão de nosso chefe de Serviço, montamos um pequeno departamento de pesquisas no H.M. e temos executado esse árduo trabalho. Os frutos já começaram a surgir. Vários colegas têm-se interessado e já estão colaborando conosco para conseguirmos uma vacina. Aliás, verdade seja dita, o dr. Almeida Prado já a conseguiu seguindo os princípios de Von Bremer e com ela tem feito alguns milagres, mas é preciso tempo, é preciso material, é preciso organização e principalmente verba para prosseguir, para aperfeiçoar, para documentar. Aí então talvez dentro de pouco, teremos resolvido esse flagelo da humanidade.

Em várias partes do mundo, as pesquisas científicas nesse campo têm sido executadas por equipes organizadas e entre nós, agora, estamos trabalhando em equipe e o trabalho organizado e dividido é mais proveitoso e os frutos surgirão mais rapidamente.

Não queremos combater as outras teorias, não queremos menosprezar os outros grupos que batalham em outros campos, não queremos guerrear sem antes conhecer bem o terreno. Queremos, com essa migalha, colaborar para que o mal seja banido da superfície de nosso planeta.

Chefiados pelo dr. Estêvão de Almeida Prado, em colaboração com o dr. Alfredo Lacazze, eu e vários colegas do H.M. estamos aprendendo, praticando, verificando, estudando e pesquisando êsse vasto campo esse assunto tão emocionante e, pelo que temos obtido, pelo que temos verificado, pelo que temos aprendido e realizado, não devemos estranhar se num futuro pouco remoto poderemos responder a tôdas essas perguntas com que a cada momento deparamos.

Tudo nos leva a crer que a teoria de Von Bremer seja o caminho certo, que a teoria parasitária do câncer é a que mais se aproxima da verdade e que pode responder alguns quesitos sôbre essa terrível moléstia.

Em vida, os trabalhos de Von Bremer foram atacados violentamente por vários mestres da medicina classica, mas também foram comprovados por outras sumidades científicas e a luta continua. Seremos atacados seremos guerreados mas, como bons soldados, não cederemos terreno até que nos prove o contrário, pois uma teoria científica sômente poderá cair por terra se outra teoria científica provar sua inverdade e, até a presente data, ninguém surgiu a campo para combatê-la om meios científicos.

Aos colegas que por ventura lerem êste artigo, imploro que não o combatam, mas que venham até nós, que venham ao H. Militar ouçam e vejam o que de real existe e, se quiserem colaborar ativamente ou por criticas, que aqui nos encontramos prontos para o serviço.

CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e oficiais médicos das Polícias Militares.
Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

O m u n d o

Incidência nos EUA 25%

Em todos os países da terra desenvolvem-se pesquisas para a cura da moléstia. Até hoje, o mundo espera solução do problema. Estatísticas recentemente divulgadas no Estado Unidos acusam a incidência, do câncer em 25% da população ianque. Dos norte-americanos atacados, mais de duas centenas de milhares morrem cada ano.

Profilaxia o recurso atual

Até o momento em que redigimos, o único recurso eficiente que se conhece contra o mal é a profilaxia. Uma série de medidas preventivas é indicada. São medidas restritivas. Não fazer isto, não fazer aquilo. Vacina de efeito comprovado, capaz de imunizar o paciente, ainda existe. Em várias nações, reclama-se contra a ausência de tais medidas, ausência que acarreta incontáveis perdas de vida.

Para diminuir o número de vítimas, os médicos chamam a atenção do público para erupções aparentemente sem importância. Um simples tumor pode ser a origem da moléstia. Registraram-se casos de cura na fase inicial. Em tais ocasiões, porém, os sintomas geralmente não são percebidos pelo paciente.

e s p e r a

Causas discutidas

As causas do câncer ainda são discutidas. Notícias que nos chegam dos centros mais avançados do mundo dão conta de polêmicas sobre a influência de hábitos diversos na resistência do organismo ao mal. «Simples passeios ao sol — dizem uns — podem ocasionar o câncer da pele, quando são muito frequentes»; outros negam-no. Certos tipos de material usados na fabricação de peças do vestuário também foram objeto de estudos e debates, como causa hipotética da doença.

Quando se discutia, há tempos a obrigatoriedade ou não do uso de aparelhos eliminadores de fumaça nos veículos motorizados de São Paulo, aventou-se a possibilidade de que o gás carbônico expelido pelos carros fôsse outra causa.

O fumo, uma incógnita

Em congresso internacional realizado há alguns anos, cientistas soviéticos e norte-americanos empenharam-se em longa discussão sobre o fumo. Os primeiros não acreditavam que fosse causa do câncer. Passaram-se os anos, mas o debate continua.

Atualmente, no Brasil, como em todo o mundo, muitos aceitam a tese norte-americana. Estatísticas fornecidas por organismos internacionais revelam que entre os cancerosos há várias vezes mais fumantes que não fumantes. Felizmente, porém, outros não assustam os que fumam com o fantasma do câncer e calculam: suponhamos que os fumantes estejam na proporção de 10 para 1 entre os atacados de câncer; ora, isso nada significa, pois falta uma estatística para estabelecer a proporção entre as pessoas sãs; o que se sabe é que em todos os países civilizados há muito mais fumantes do que não fumantes». E é admissível a proporção de 10 para um também entre as pessoas sãs.

A esperança dos raios X

Os raios X também dão margem a controvérsias. Muitos apontam sua radiação como outro fator que concorre para a incidência da moléstia. Mas dão ainda uma esperança: a hipótese de que, em quantidades dosadas com cuidado podem influir sobre a evolução do câncer.

Ainda estamos, porém, no terreno das conjecturas. Para afirmar algo de novo é que lutam os médicos do H.M. da Força Pública do Estado de São Paulo, ao lado de seus colegas civis.



Direção do major Francisco V. Fonseca

ALAGOAS

PROTESTO DE OFICIAIS CONTRA NOTÍCIAS CALUNIOSAS

Não houve manifestação contra o govêrno

Em face de notícias veiculadas por emissoras do sul do país, julgadas injuriosas à corporação, os oficiais da Polícia Militar dêste Estado, reunidos, no dia 28 de fevereiro último, no gabinete do seu comandante, resolveram, de livre e espontânea vontade, protestar contra o referido noticiário, segundo o qual a oficialidade de Força Policial ter-se-ia rebelado contra o governador do Estado.

NOTA OFICIAL

É a seguinte a nota oficial distribuída à empresa pelos oficiais da Polícia Militar do Estado:

"Os oficiais da Polícia Militar, reunidos no gabinete do Comando, resolveram, espontaneamente, protestar contra notícias caluniosas divulgadas por estações de rádio do sul do País, de haver a oficialidade se rebelado contra o excelentíssimo senhor governador do Estado.

Esta corporação é secular e de uma tradição gloriosa, cujo lema de disciplina e obediência tem sido apanágio e será mantido sejam quais forem as consequências.

Nos anais da história da nossa Polícia Militar, jamais se registrou um ato de rebeldia ou indisciplina contra os poderes constituídos e não será hoje que venham surgir atos capazes de macular esta tradição.

Face ao exposto, a oficialidade, coerente com o seu passado, está pronta a acatar as ordens do ecellentíssimo senhor governador do Estado e demais superiores hierárquicos".

BAHIA

20 MILHÕES PARA FARDAS E EQUIPAMENTOS

— "A Polícia Militar receberá este ano 20 milhões de cruzeiros em fardas e equipamentos, representando uma dotação superior a todos os governos anteriores desde Mangabeira" informou o cel. Antônio Medeiros de Azevedo, comandante geral da PM.

— "No ano passado — acrescentou — tivemos uma dotação de 15 milhões, o que representa esforço do atual govêrno do Estado em dar à Polícia condições de aperfeiçoamento".

Oficiais Aperfeiçoam-se

Continuando, disse o cel. Medeiros: "Estamos empenhados em desenvolver ao máximo, o preparo profissional de oficiais e praças dessa corporação, tanto que no corrente mês seguirão para o Panamá, um major e um 1.º tenente, para frequentar curso de polícia militar na "U-sarcarib School". Seguirão também para

São Paulo, com a finalidade de fazer um estágio na organização de cães policiais da Fôrça Pública, um oficial, um sargento e um cabo".

Em seguida salientou os interesses do governador do Estado e do secretário de Segurança Pública, no sentido de que fôsse organizado na Bahia um pelotão com cães policiais.

Fardamentos Adequados

Ciente de que no Distrito Federal houve um movimento para que fôsse substituída a farda de serviço dos P.M., disse que "não é necessária a mudança do uniforme uma vez que o atual atende perfeitamente às exigências do nosso clima, além de dar mais respeitabilidade ao soldado em sua função".

Finalmente, o cel. Medeiros de Azevedo resolveu que foram aceitas três propostas para as matrículas em organizações do Exército, apresentadas por oficiais da Polícia Militar que farão um curso de Educação Física e proposta de dois sargentos para um curso de Fotografia e Cinegrafia.

REGULAMENTAÇÃO DA PM

No propósito de atualizar a regulamentação da Polícia Militar, bem como disciplinar diversos setores no âmbito administrativo, disciplinar e pedagógico, o dep. Rafael Cincurá vem de encaminhar ao governador Estado, o decreto que regulamentará as atividades da Escola de Formação de Graduados e Soldados.

Ainda no despacho do dia 12 de fevereiro, o titular da Segurança Pública levou outro decreto, regulamentando, também, a lei que dispõe sobre a transferência de oficiais para a Reserva.

Ambos os decretos de regulamentação foram assinados naquela data, pelo chefe do Executivo bahiano, durante o despacho coletivo.

CEARÁ

VIAJOU PARA O RIO O CEL. GÓIS

Na chefia de Polícia o cel. Brigido Borba

Viajou no dia 11 de fevereiro, com destino ao Rio de Janeiro, a fim de participar da Conferência Nacional de Polícia, o cel. José Góis de Campos Barros, secretário de Polícia e Segurança Pública do Ceará, que ali se unirá a colegas de todos os Estados do Brasil para tratar de problemas de ordem policial.

Enquanto o cel. José Góis esteve ausente do Ceará, respondeu pela Pasta de Segurança Pública o cel. Aluísio Brígido Borba, que é também comandante da Polícia Militar do Estado.

ESPÍRITO SANTO

LEI BÁSICA DAS P.M.

Tem merecido especial cuidado a divulgação do texto do Projeto de Lei Básica para as Polícias Militares, não só entre os elementos da milícia capixaba, como também na população do Estado.

O nosso confrade "A GAZETA", de Vitória, vem de concluir aquela divulgação fazendo inserir em suas páginas a parte final da propositura, ou sejam os capítulos VIII e IX.

INQUEIITOS FEITOS POR DELEGADOS MILITARES

São nulos, para promotor de Matosinhos...

O promotor de justiça de Matosinhos, sr. Ricardo de Carvalho, formulou questão ao juiz de Direito daquela comarca, sobre a validade de inquérito policial feito por elementos da Polícia Militar. Salientou, o representante do Ministério Público que, em virtude da lei somente bacharéis em Direito podem ocupar cargos de delegados de polícia.

Ante o parecer do promotor, que visava à anulação de inquérito feito pelo cap. Augusto Júlio de Moura, o juiz encaminhou o expediente ao procurador-geral do Estado, solicitando seu pronun-

ciamento, para que fôsse a impugnação do representante do Ministério Público solucionada.

... mas sub-procurador dissonda.

O sub-procurador Jason Albergaria emitiu parecer sobre o assunto e opinou pela validade do inquérito.

Abordando a competência de autoridade policial, afirmou que essa peça processual não é indispensável para a instauração da ação penal e que a utilidade do inquerito não acarreta nulidade de qualquer ato do fôro criminal. "A nulidade não pode obstar o oferecimento da denuncia" — Concluiu o sub-procurador.

Dessa forma, julga válido o inquérito feito por oficial da Polícia Militar, apesar das alegações do promotor Ricardo de Carvalho.

MARANHÃO

NOSSO CORRESPONDENTE

EM AÇÃO NO INTERIOR

Em missão especial do governo maranhense, esteve em viagem pelo interior do Estado o correspondente de MILITIA, cap. Eurípedes Bezerra, que passou os últimos meses em Lago da Pedra, Barão de Grajaú e Carolina. Sucessos diversos levaram o Executivo estadual a observar o local e pacificar a região, o que fez por intermédio do cap. Bezerra.

Nosso correspondente verificou a situação naqueles setores longínquos do sul do Estado, estudou suas causas e conseqüências e tomou medidas destinadas a garantir a tranquilidade pública. Aperfeiçoou as normas anteriormente adotadas, padronizou-as e regressou, afinal, com sua missão cumprida. Cumpre ressaltar aqui a atuação daquele oficial, tanto em seu trabalho profissional de policial-militar como na qualidade de correspondente de MILITIA na Mesopotâmia Maranhense. Graças a êle, o Brasil toma conhecimento, através desta revista, do que se passa na co-irmã nortista.

MILICIA MARANHENSE MU- DOU DE NOME: POLICIA MILI- TAR

A exemplo do que ocorre em qua-
se todo o Brasil, a antiga Fôrça Poli-
cial do Estado vem de adotar o nome
de Policia Militar, por ato governamen-
tal. Assim, o Maranhão decide esco-
lher para sua milicia uma denominação
atualizada e de acôrdo com a mistica
policia-militar evocada no II Congres-
so Brasileiro das Policias Militares.

Tal fato, porém, em nada afeta
corporações tradicional, como a Briga-
da Militar do Rio Grande do Sul e a
Fôrça Pública do Estado de São Paulo.

VIATURA DE MILITIA EM SÃO LUIS

Dentro em breve a população de
São Luis verá uma viatura com o nome
de MILITIA, por iniciativa de nosso
correspondente, cap. Eurípedes Bezer-
ra. Aquêlê official levará para a capital
do Maranhão um jipe adquirido em fá-
brica de São Paulo e, com o veículo,
estará sempre onde for preciso, para in-
formar cada vez melhor os leitores de
MILITIA.

Promoções e nomeações

No corpo de Intendência, foram
promovidos: a major, o cap. Raimundo
Sadoc Costa; a capitão, o 1.º ten. Mar-
tins de Freitas e a 1.º tenente, o dr.
Armando Perfety. Foram ainda promo-
vidos, na arma de Infantaria: a capitão,
o 1.º ten. João José de Santana; a 1.º
tenente, o 2.º ten. Júlio Elias Pereira;
a 2.º tenente, o asp. José de Ribamar
Ribeiro Melo e o subten. Pedro Alves
Nepomuceno. Por sua vez, na Banda
de Música, foi promovido a 2.º tenente
mestre de banda o subten. Gregório
Abreu e a subten. contramestre o 1.º
sgt. João Carlos Dias de Nazaré.

Ao mesmo tempo, efetuaram-se as
seguintes nomeações: para chefiar a Ca-
sa Militar do governo do Estado o cap.
Antônio José Ribeiro e, para o cargo de
ajudante de ordens, o ten. José Ribamar
de Assis Vieira. O ten. Jorge Fonseca
de Oliveira foi também nomeado para
compôr a Casa Militar. O cap. José
Ribamar Braga foi designado para di-
rigir a Guarda Civil. Para exercer as
funções de comandante da Guarda Por-
tuaria, foi nomeado nosso assinante Flo-
riano José Monteiro, em substituição ao
ten. Baima, agora inspetor militar da
3.a Zona Policial do Estado, sediada
em Araiozes.

MINAS GERAIS

JK RECEBE ATRASADOS NA PM

A imprensa do Belo Horizonte noticiou, em janeiro último: "O cel. reformado Juscelino Kubistchek de Oliveira, atualmente, na presidência da República, vai receber mediante requerimento, já constando da folha de pagamento deste mês, seus vencimentos atrasados, como cel. da PM, correspondentes ao período que vai de 27 de julho a 31 de dezembro do ano findo. Conforme esclarecimentos do comandante da milícia, é um direito desde a data em que o requerente passou para a reserva".

Requisite-se

Em despacho exarado no processo respectivo, determinou o comandante: "Requisite-se". No mesmo processo, o requerente pleiteava ainda receber o pagamento de quinquênios, adicionais de 10% e acréscimo de 30% no período em questão.

EFETIVO PARA 1960

O efetivo da PM do Estado para o corrente exercício foi fixado em 11.376 homens, distribuídos nas diferentes unidades, órgãos e serviços da corporação.

PARANÁ

HOMENAGEM AO TITULAR DO INTERIOR E JUSTIÇA

Prestigiou II Congresso das P.M.

Ao sr. Antônio Lustosa de Oliveira, secretário do Interior e Justiça, foi entregue, em seu gabinete, no dia 18 de

dezembro último, pelo ten. cel. Orlando Xavier Pombo acompanhado de diversos oficiais, o diploma e medalha de membro honorário do II Congresso das Polícias Militares, realizado em agosto último, em S. Vicente, SP.

Vale lembrar que o cel. Pombo atual comandante do Batalhão de Guardas, participou daquela conclave, como chefe da delegação paranaense, desenvolvendo uma atuação das mais brilhantes.

CLUBE DOS OFICIAIS JÁ TEM SEDE

Atingida mais uma etapa da entidade social

Foi inaugurada, na tarde do dia 27 de janeiro último, a sede provisória do Clube dos Oficiais da Polícia Militar, localizada à rua Ubaldino do Amaral, 246.

Depois de haver sido descerrada a placa comemorativa da inauguração, pelo Prefeito Iberê de Matos, usou da palavra, em nome dos oficiais da Polícia Militar do Estado, o ten. Leonidas de Araujo, orador oficial do Clube, que agradeceu a presença das autoridades e de outras pessoas, congratulando-se, também, com os seus colegas de farda por tão auspicioso acontecimento.

Logo após, foi servido, aos presentes um coquetel.

PERNAMBUCO

ARRUDA CAMARA VISITA A PM

Evocação do passado na milícia

A Polícia Militar de Pernambuco recebeu, na manhã do dia 25 de janeiro último, a visita do deputado federal, ten. cel., honorário monsenhor Arruda Câmara. O representante de Pernambuco no

Congresso Nacional foi recebido na escadaria do Quartel do Derby pelo coronel Expedito Sampaio, comandante geral da Corporação e oficialidade, tendo sido conduzido ao gabinete do Comando.

Ali, o cel. Expedito fez uma saudação ao parlamentar, na qual exaltou sua atuação defendendo intransigentemente os interesses de Pernambuco e do país como um dos mais ativos. Lembrou, o comandante geral da PM, que as milícias de todo o país devem ao monsenhor Arruda Câmara a maioria das leis que oferecem garantias aos seus integrantes.

Para agradecer a saudação que lhe fora feita, usou da palavra o deputado Arruda Câmara, que manifestou a sua emoção e satisfação ao visitar a Polícia Militar de Pernambuco e assim rever velhos camaradas, com os quais lutara lado a lado nas sangrentas campanhas de anos atrás, desenroladas no Estado e fora dêle.

Em seguida, o monsenhor Arruda Câmara foi conduzido ao seu automóvel pelo comandante Expedito Sampaio e oficialidade da P.M., sendo-lhe prestadas as honras militares a que tem direito.

COSME E DAMIÃO AINDA EM 60

Governo fez a previsão

Tudo indica que ainda este ano, o Recife esteja contando com os serviços da Companhia de Policiamento Ostensivo (Cosme e Damião) da Polícia Militar de Pernambuco.

Uma dotação orçamentária foi incluída nas contas do Estado, para o presente exercício, a fim de cobrir as despesas da citada Campanhia. Por outro lado, exames estão sendo feitos da maneira mais rigorosa possível, para selecionar as duplas da nova sub-unidade.

Efetivo

A Companhia de Policiamento Ostensivo da P.M. terá um efetivo de 400 homens, afora seus graduados e oficiais. Seu comandante será o capitão José Moraes, o qual contará com o concurso de

outros oficiais e sargentos que estagiavam na Polícia do Distrito Federal, no ano passado, preparando-se para a missão que executarão em breves dias. Esse efetivo poderá ser aumentado futuramente, de acôrdo com a possibilidade econômicas do Estado.

MILICIANOS PODEM ADVOGAR

Juiz decidiu, derrotando decisão da OAB

De acôrdo com a sentença proferida pelo juiz Pôrto Filho, no dia 22 de fevereiro, todos os elementos da PM que possuírem diploma de bacharel em Direito, poderão exercer a sua profissão. Essa decisão do magistrado da Vara dos Feitos da Fazenda Nacional foi provocada por um mandado de segurança impetrado pelos oficiais-bacharéis Olinto de Sousa Ferraz e Olímpio Correia dos Santos, contra o presidente da seção pernambucana da Ordem dos Advogados do Brasil que lhes negou registro para exercer, em Pernambuco, a profissão.

PRIMEIRO DESPACHO

O mandado de segurança foi distribuído, primeiramente ao juiz Feliciano da Silva Pôrto que, posteriormente, arguindo-se suspeito, encaminhou os outros juiz da Vara dos Feitos da Fazenda Nacional, Manoel Rodrigues Pôrto Filho. Ainda quando se encontrava em seu poder os autos do mandado, o juiz Feliciano Pôrto indeferiu o pedido de liminar.

Encaminhado ao juiz Pôrto Filho, o mandado de segurança foi ontem finalmente julgado, depois ouvidas a autoridades coatora e o procurador da República.

Na sua sentença, de concessão do pedido, diz o juiz Pôrto Filho:

"Exato é que o ato impugnado apoia-se em decisão denegatória proferida pelo Egrégio Tribunal Federal de Recursos em mandado de segurança sobre caso idêntico no sentido de que: "oficial de Força Pública está impedido de advogar no respectivo Estado. Mas como se eviden-

cia dos autos, essa decisão foi reformada, unanimemente pelo Supremo Tribunal Federal".

Adiante, o juiz prolator cita o ministro Nelson Hungria quando este diz que "em matéria de impedimentos para exercício da profissão a única lei que tem de consultar é a federal, pois se trata de matéria que a Constituição reservou ao poder legislativo da União".

E por não encontrar na jurisprudência, doutrina ou legislação nenhuma restrição, o juiz Manoel Rodrigues Porto Filho concedeu a segurança requerida pelos oficiais Olinto de Souza Ferraz e Olímpio Correia dos Santos.

N. da R. — Em São Paulo, a Ordem dos Advogados ainda não aceita inscrição dos bacharéis milicianos.

da Colônia Penal Cândido Mendes e Chefe da Casa Militar do então governador Amaral Peixoto, deixando em todas as funções o traço marcante de sua personalidade equilibrada e vigorosa. José Couto do Nascimento sucede naquele posto ao major do E.B. João José Brandão Siqueira, que esteve à frente da Força somente alguns meses, o bastante para conquistar a admiração e a estima de toda a tropa que lhe tributou carinhosas homenagens no momento de sua saída.

O major Brandão Siqueira, como se recorda, foi indicado pelo ex-ministro Teixeira Lott para aquele posto, em substituição ao cel. Joaquim da Costa Santos, logo após os tumultuosos acontecimentos nas barcas de Niterói, em maio de 1959.

RIO DE JANEIRO

FIXAÇÃO PARA 1960

A lei de fixação da PM para 1960 foi sancionada a 3 de fevereiro, dela constando o efetivo de 1.343 homens, sendo 66 oficiais, 9 aspirantes e 1.268 praças.

COMANDO DA PM

Outro componente da própria milícia

Assumiu o comando da PM, no dia 20 de fevereiro, o cel. José Couto do Nascimento, uma das figuras exponentais da tradicional corporação de que tanto se ufana a velha província fluminense. Soldado da velha guarda, ascendeu dos postos mais simples até alcançar o máximo da hierarquia, gozando do apreço, respeito e estima de todos os seus companheiros de farda, desde a praça de pré até aos oficiais de superior patente. Foi delegado especial em varios municípios do Estado do Rio, superintendente do SAPS, no governo de Dutra, diretor

RIO GRANDE DO SUL



NOVO SECRETARIO DA SEGURANCA

Tomou posse, no dia 11 de janeiro último, o terceiro secretário da Segurança do governo Brisola, cel. do E.B. Moacir Aquistapace.

...E TAMBEM NOVO COMANDO

PARA A BM

Foi nomeado para o comando da brigada Militar o cel. Diomário Moojen, deixando aquela alta função o cel. Rodrigues da Silva, que vinha respondendo inteiramente pelo comando. Na foto, o cel. Brasilino profere sua nomeação de transmissão do cargo.

"PEDRO E PAULO" AFASTADOS DE MISSÕES IMPORTANTES

Substituídos pela Guarda Civil e Divisão do Trânsito

Causou estranheza no seio da população a medida tomada pelo governo, afastando os "PP" do policiamento do Aeroporto, Rodoviário, Viação Férrea, Prado e outros locais, onde vinham cumprindo suas missões com brilho e devotamento, a ponto de granjear, no seio dos portoalegrenses, simpatia e confiança.

Motivos diversos ocasionaram a medida. Milicianos gaúchos apontam pressão de grupos estranhos, que jamais concordaram com a "intromissão" dos eficientíssimos brigadianos naquelas funções.





EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

Direção do capilão

Françisco A. Bianco Junior

Desenvolve-se a cultura física na Fôrça Pública

Continua a desenvolver-se a educação física e os esportes na Fôrça, graças ao trabalho contínuo da Escola de Educação Física e ao apoio encontrado por parte de oficiais e praças de nossa corporação. Procuram assim dirigentes da Escola melhor preparar o miliciano para o desempenho de suas funções. Nos seus 50 anos de existência, o estabelecimento foi responsável por inúmeras realizações que marcaram época. Deu ao Brasil campeões em várias modalidades esportivas e, durante todo esse tempo, vem fornecendo ao Estado homens capazes de enfrentar as asperezas da profissão que escolheram. E tudo, na EEF, é feito racionalmente, "atendendo à formação somática equilibrada, em estreita conexão com a formação moral", como quer Renato Kehl. Segundo o mesmo autor, tais exercícios não caem "no embrutecimento ou no aniquilamento do espírito, em prejuízo da máquina humana" a que pode reduzir-se alguém pelo aniquilamento de sua personalidade.

Dessa importância geral, resulta, no interesse da corporação, o preparo do nosso homem, bem educado fisicamente. Dadas as difíceis missões que tem, para o bom cumprimento de suas deveres, mister se torna fazê-lo fisicamente forte e

resistente para o trabalho. E educação física bem ministrada e bem orientada, esportes bem dirigidos, em prática diária e uniforme, farão de nosso homem um ser fisicamente apto.

Nossos cultores de educação física, porém, não se mostram satisfeitos com o que já realizaram. Lembram sempre que é necessário lutar cada vez mais e lutam incansavelmente, pelo desenvolvimento da educação física, chamada por Philippe Tissier "a arte e a ciência de conduzir o corpo a bem servir o espírito". Pretendem, não só a formação básica do miliciano, mas a do brasileiro, que é — dizem eles — "antes de tudo um homem, um ser, que se deve aprimorar para a vida".

Assim é que as atividades de nossos homens estende-se muito além de nossas fileiras. Os mestres de armas da EEF levam seus conhecimentos a todo o Brasil e afirmam que, ao contrário do que se pensa, a esgrima não deve ser apanágio das classes favorecidas, mas patrimônio de todos, e que nosso soldado, em breve, começará a praticá-la com intensidade. Da mesma formá, encaram o tennis como esporte que deve ser eminentemente popular. Sabem, enfim, que o esporte é de todos.

Futebol:

Clube dos Oficiais (3) x Circulo Militar (2)

Por 3 tentos a 2, a representação (1.º quadro) do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública derrotou a equipe do Círculo Militar de São Paulo, em jogo amistoso de futebol, levado a efeito no primeiro sábado de dezembro do ano findo, pela manhã, no campo da Escola de Educação Física. Os tens. Alcione, Dorian e Cerciari foram os marcadores da Fôrça. O esquadra vencedor foi o seguinte: tens. Belickas, Fernando, Tenório e Correia Leite; Ferrarini e Niomar; Alcione, Lau, Dorian, Cerciari e Siqueira.

Na preliminar — com nenhum tento assinalado — defrontaram-se os 2.ºs quadros das duas entidades. A equipe dos nossos milicianos estava assim constituída: tens. Juarez, Público, Dutra e Blum; Orlando e Fabri; Casado, Brito, Abreu, maior Delfim e ten. Fragoso.

O 1.º quadro
vencedor posa
para a objetiva
de MILITIA



A rodada de sábado faz parte do programa de atividades esportivas da entidade que mantém esta revista. A disputa entre componentes de nossa corporação e das Fôrças Armadas representa uma das facetas do entrosamento que vem sendo feito, seja no campo esportivo, cultural ou social.



Destacues da FÔRÇA PÚBLICA

Em 25 de janeiro, São Paulo comemorou mais um aniversário de sua fundação. Duas unidades da Fôrça — Batalhão de Rádio-Patrolha e 5.º Batalhão de Caçadores — entraram também em mais um ano de vida. Por ocasião das comemorações lembrou-se a atuação dos dois batalhões aniversariantes, demonstrando os bons serviços prestados pela corporação ao público paulista. Entretanto, as atividades dos milicianos prosseguem ininterruptas, apesar de todos os pesares. Está aberto o alistamento e novos soldados são preparados para o desempenho das funções policiais-militares. Assim, viveu a P.M. do brigadeiro Tobias de Aguiar mais dois meses de sua história. Os milicianos paulistas, como seus camaradas de todo o Brasil, são criticados, muitas vezes combatidos, nas observações imparciais sabem reconhecer os serviços prestados.

FALA A IMPRENSA

"O comando do destacamento de São Miguel Paulista, ten. Fernandes coadjuvado pelo ten. Hélio, está protegendo a população" — diz um matutino paulistano, ao narrar desavenças entre populares daquele bairro da capital paulista.

Determinação da Diretoria do Serviço de Trânsito com relação a motoristas de praça provocou descontentamento entre aqueles profissionais, o que desagradou parte de população. Surgiram desentendimentos e ameaça de perturbação da ordem. Nossos milicianos, porém, garantiram a tranquilidade pública.

MUDANÇA DE COMANDO:

1.º B.I. E 6.º B.C.

Na tarde de 11 de fevereiro findo, assumiu o comando do 1.º Batalhão de Infantaria, desta capital, o ten. cel. Ubirajara Silveira, em substituição ao ten. cel. Brasilino Antunes Proença, por haver sido este classificado na Diretoria de Policiamento. Após as solenidades de praça, foi servido um coquetel aos presentes, entre os quais destacamos o comandante geral, cel. Arrisson de Souza Ferraz e a oficialidade que serve na capital.

Em Santos, perante o comandante geral da milícia e numerosas outras autoridades, em 16 de mesmo mês, o ten. cel. Luis de Cicco deixou o comando do 6.º B.C., daquela cidade praiana, por efeito de transferência para a reserva. Em solenidade levada a efeito dias antes, o antigo comandante fôra condecorado com a medalha de honra de Valor Militar, pelos bons serviços prestados durante 35 anos, motivo pelo qual foi efusivamente cumprimentado. Assumiu o comando o então subcomandante, major José Limongi França.

B.R.P. E 5.º B.C.: DOIS ANIVERSARIOS

31 de janeiro e 17 de fevereiro as datas em que se comemoraram os aniversários de fundação do Batalhão de Rádio-Patrolha e do 5.º Batalhão de Caçadores, respectivamente. O primeiro, sediado nesta capital, completou seu terceiro ano de vida. O outro, de Taubaté, festejou 47.º aniversário. A unidade paulistana representa a esperança; a do vale do Paraíba, manter a ordem. Por isso, não só a oficialidade da Fôrça, mas também autoridades civis e militares, ao lado do público, participaram das comemorações.

O B.R.P. é oriundo do Agrupamento de Rádio-Patrolha, pertencente à primeira Cia. Independente. Posteriormente, a Companhia transformou-se no Batalhão Policial, ampliado por força das necessidades crescentes de policiamento, e dividido em duas unidades distintas. Uma delas — o 2.º B.P. — ficou com a responsabilidade dos serviços de Rádio-Patrolha e de Policiamento Auxiliar (grupos de choque). A grande mobilidade do Batalhão permitiu cobrir uma área superior a 1300 quilômetros quadrados, com 1.300.000 habitantes Aquela unidade, criada por lei de 11 de novembro de 1956, foi oficialmente instalada em 31 de janeiro do ano seguinte. Finalmente, em 17 de junho de 1958, o 2.º B.C. passou a chamar-se Batalhão de Rádio-Patrolha.

O 5.º B.C. foi criado por ato do conselheiro Rodrigues Alves, que ocupava o governo do Estado, sendo primeiro comandante da unidade o então ten. cel. Artur da Graça Martins. Participou dos movimentos de 24, 26, 30 e 32. O gen. Júlio Marcondes Salgado saiu do 5.º, como inúmeros outros batalhadores da causa pública. O batalhão valeparaibano empenhou-se em vários operações de guerra, não só no solo bandeirante, mas varou o Brasil, palmilhando os sertões nordestinos. Atualmente, passada a fase caudillesca de nossa história, os milicianos de Taubaté atuam em todo o vale e no litoral norte do Estado. No célebre motim da ilha Anchieta que, por tanto tempo ocupou as manchetes dos jornais, foram componentes do 5.º os primeiros sacrificados. Em todas as perturbações sociais verificadas na região cuja segurança é confiada, a ele, o 5.º B.C. está sempre pronto para restabelecer a ordem.

GRÊMIO DOS ALUNOS-OFFICIAIS

Nova diretoria

Em janeiro do ano em curso foi empossada a nova diretoria do Grêmio XV de Dezembro, da Escola de Oficiais de nossa corporação. É a seguinte a diretoria que regerá os destinos da entidade até o fim de 1960: presidente — José Francisco Seta; vice-pres. — Vanderlei Ferreira; 1.º tes. — Hélio Batista Nunes; 2.º tes. — Carlos Fuga; 1.º secr. — Silvío Antônio Rissi; 2.º secr. — Adilson

Aparecido Gonzaga; dir. social — Plínio Rolim d Moura; dir. cultural — Emanuel Mascarenhas Padilha; dir. esportivo — Jóbio Miranda; diretor do Patrimônio — Hamilton da Silva Corelho.

OFICIAL PERNAMBUCANO DESPEDE-SE

O ten. José Fernandes Soares Filho (foto), da P.M. de Pernambuco, depois de permanecer quase um ano entre nós, regressou a seu Estado em 6 de fevereiro findo. Na milícia paulista, fez o curso de Educação Física, após o que passou um mês junto ao canil da Força, em estágio, para instalar um serviço semelhante em sua corporação.

O companheiro pernambucano deixou em São Paulo largo círculo de amizades e sua falta será sentida entre nós. Participou do II Congresso Brasileiro das Polícias Militares, realizando em São Vicente, em agosto de 1959, e em toda parte onde era preciso seu concurso, estava sempre pronto a sacrificar-se em benefício da família miliciana. Durante sua estada em São Paulo, teve oportunidade ainda de estabelecer contato com representantes de outras co-irmãs, incrementando assim o intercâmbio entre os policiais-militares do Brasil. Momentos antes da partida, em palestra com a reportagem de MILITIA, comprometeu-se a manter o contato profissional com esta revista. Ao jovem oficial nordestino, muitas felicidades.

BAINOS VISITAM SÃO PAULO

Uma representação de sete alunos da Escola de Oficiais da P.M. da Bahia, esteve recentemente em nossa capital, onde se demorou alguns dias, em visita a unidades e serviços da Força Pública. Os rapazes baianos percorreram ainda indústrias paulistanas e tiveram ocasião de observar um pouco da vida em São Paulo.

Em seu programa de visitas incluíram a Tipografia da Força e a redação de MILITIA, onde mantiveram palestra com o reporter. Integravam o grupo os alunos-oficiais Flodoardo Caldas Medeiros de Azevedo, Georgeophama Duclerc Almeida Arcanjo, Jurandi Dória Rebouças, José Raimundo Sales de Oliveira, Delcker Rodrigues de Melo, Francisco Natanael Miranda Nadyer e Firmo Pinheiro de Matos Filho.

o Brasil em dois meses



Muito embora tenhamos entrado em um ano caracterizado pelas eleições presidenciais, tudo gira, momento, em torno da nova capital brasileira. Pela esperança que Brasília representa, para os milicianos como para toda a nação, os outros fatos passam a ocupar lugar secundário no noticiário da imprensa. O caso do feijão importado da América do Norte foi quase esquecido. As inundações da zona da mata abalaram profundamente a opinião pública, mas foram ultrapassadas. O desaparecimento de Osvaldo Aranha consternou o Brasil e o antigo diplomata ingressou na história. Dois presidentes visitaram nosso país: o do México e o dos Estados Unidos. Ambos foram recebidos em festas. Agora, porém, os brasileiros têm os olhos voltados para o futuro, simbolizado na nova metrópole do planalto.

NOVA CAPITAL: UM FATO

No momento em que redigimos, o Distrito Federal ainda não se transferiu para Brasília. Muito se discute ainda quanto à mudança da Capital e duas correntes — pró e contra — defrontam-se no Congresso. Mas a mudança é um fato. Surgem sempre novos edifícios em Brasília, os palácios preparam-se para receber seus ocupantes, ultimam-se as providências necessárias. A nova capital já está

Diante da capital nascente, desaparecem as divergências ideológicas ou partidárias. Cessam choques de interesses políticos. A rodovia Belém-Brasília permitiu a união nacional de norte a sul.

De São Paulo e do Rio, novas estradas convergem para lá e prosseguem rumo ao Acre. O demorado caminho fluvial será substituído por rodovias e o Brasil é conquistado pelos bandeirantes do século XX. Naturalmente, há os que se sentem feridos e protestam. Um pequeno grupo faz enorme barulho, embora todos saibam que é inútil.

AINDA O CASO DO FEIJÃO

Sem grande destaque, a imprensa noticiou, um dia, a imputação de dois cidadãos na responsabilidade pela importação de feijão podre. Depois surgiram outros culpados. As consequências são desconhecidas. Sabe-se apenas que os donos do mercado conseguiram o que que-

ESTATUTO DOS MILITARES DO ESTADO

Por decisão governamental, foi designada uma comissão encarregada de elaborar anteprojeto de lei que visa adotar novo Estatuto dos Militares do Estado de São Paulo. A comissão tem o prazo de 120 dias, a contar de 24 de fevereiro último, para concluir seu trabalho. Com esse fim, a Força Pública deverá fornecer os elementos necessários.

BOMBEIROS PAULISTAS AJUDAM O CINEMA

"Primeira Missa" é o filme rodado por Lima Barreto, enquanto redigimos estas notas. Espera-se a participação da Força Pública nos trabalhos que vêm sendo de-

envolvidos, através do Corpo de Bombeiros. O diretor da película solicitou ao governador do Estado a cessão de duas viaturas do Corpo, com suas guarnições, para auxiliá-lo em trabalhos decorrentes da filmagem.

NOVOS MILICIANOS

Diariamente apresentam-se novos voluntários para o alistamento na Força Pública, onde há claros a serem preenchidos. Entre outras condições, exige-se do candidato ser alfabetizado, o que é ponto de partida para os exames a que se submete, incluindo teste psicotécnico. A despeito de muitos serem recusados, novos milicianos são incorporados, na capital e no interior do Estado, para a intensificação do policiamento.

riam e tudo vai bem no melhor dos mundos, com a mercadoria vendida a preço conveniente... para todos menos para os consumidores.

OSVALDO ARANHA

Osvaldo Aranha, com seu falecimento, em 27 de fevereiro findo, enlutou a nação. Antigo revolucionário de 30, foi ministro de estado por mais de uma vez. Enfrentou a fase difícil da última grande guerra como titular da pasta de Relações Exteriores. Participou ativamente das lutas políticas que se sucederam à conflagração, representou o Brasil na ONU com destaque, chegando a presidir aquele organismo internacional e, quando Vargas voltou ao poder, ele foi chamado a fazer parte do governo. No Ministério da Fazenda, criou o sistema cambial vigente. Ocupou ainda vários cargos na nossa diplomacia e na administração nacional. Morreu afastado da agitação que caracterizara sua vida. Por várias vezes ventitou-se seu nome como possível candidato à sucessão presidencial. Mas o velho lutador gaúcho desprezou todas as propostas. Viveu lutando, mas morreu em paz.

BRASIL RECEBE PRESIDENTE MEXICANO

Em 19 de janeiro, o Rio se enfeitou para receber Lopes Matéos, presidente do México. Desfilando entre reprodções da arte asteca, sob arcos de triunfo, na av. Rio Branco, o visitante foi ovacionado com entusiasmo. Da mesma forma foi recebido em São Paulo e em Brasília.

Permaneceu apenas alguns dias entre nós. Foi pouco, mas o suficiente para se estreitarem ainda mais os laços que unem os povos latino-americanos. Com palavras simples e objetivas, manifestou-se disposto a lutar em favor de uma política de aproximação das repúblicas latinas do continente, pela sua emancipação econômica. E apoiou a Operação Pan-Americana. "O Brasil e o México — disse ele — nunca tiveram divergências para a execução da OPA". Declarações semelhantes fez em outros países que visitou, sempre coerente com suas atitudes no governo do México.

IKE NO BRASIL

Velhacap. Novacap e São Paulo foram as cidades visitadas pelo presidente Ei-

senhower, em sua rápida passagem pelo Brasil, rumo à Argentina. Em carros especialmente trazidos dos Estados Unidos — um blindado para o presidente e outro para o secretário de Estado Herter — o visitante e sua comitiva desfilaram nas três capitais, fortemente policiadas, a despeito da total ausência de intenções hostis do público brasileiro.

Houve discursos, festas, risos, comentários e tudo passou. As P.M. do velho Distrito Federal e de São Paulo, bem como nossos companheiros que servem em Brasília, cumpriram sua missão sem alarde, como sempre fizeram.

O LADO TRÁGICO: DEZENAS DE MORTOS

Tudo passaria sem maiores consequências, não fosse a catástrofe aérea do Rio de Janeiro, enquanto o primeiro mandatário ianque se achava em São Paulo. Uma aeronave comercial brasileira aproximava-se da velha capital, sem novidade. Mas um aparelho da Força Aérea norte-americana, que acompanhava a comitiva presidencial, voava nas proximidades. Apenas três militares norte-americanos salvaram-se da colisão.

LAGOA: SORVEDOURO DE VIDAS

Era uma vez um terreno baldio, em bairro paulistano. A terra era boa para fins industriais e a área foi sendo escavada. Toneladas de terra passaram a ser retiradas do local, formando-se enorme cratera. Depois vieram as chuvas e a cratera passou a ser uma lagoa lamacenta, de aspecto estranho e pitoresco. Mas a lagoa tinha que ser alimentada com vidas humanas, principalmente corpos tenros de crianças.

Um menino foi brincar em suas margens e desapareceu no lodo. Outro seguiu-o. Depois mais outros, até que, em 25 de fevereiro último, três pequenos desapareceram ante os olhos de milhares de pessoas, impotentes para qualquer auxílio.

Como das outras vezes, nossos bombeiros foram chamados e não perderam tempo. Mas, até que soasse o alarma no quartel dos homens do fogo, a lagoa trágica já engulira vidas preciosas. E os bombeiros nada podiam fazer senão retirar os corpos inanimados. Até o momen-



Os dois meses iniciais do ano trouxeram prenúncios de agitações em todo o mundo. Fervem os ânimos na Argélia e o extremo oriente passa por um interregno semi-pacífico de preparação. Cuba firma-se cada vez mais na liderança dos povos hispano-americanos, a despeito de manobras contrárias. Arabes e israelenses brigam, enquanto leste e oeste marcham para a conferência de cúpula, cujo fracasso é certo. Mas aumenta o intercâmbio cultural, diplomático e comercial no mundo inteiro. Estadistas viajam e a disputa pela conquista do espaço representa uma esperança de paz. O anti-semitismo com que iniciamos o ano não passou de uma campanha de mau gosto.

AMÉRICA LATINA: AGITAÇÃO

Manágua, 4 de janeiro: grupos de bandoleiros hondurenhos invadem a Nicarágua, segundo o governo da República. Mas já no dia seguinte anunciavam autoridades da República centro-americana: reina a paz em todo o país. Em fins do mesmo mês, descobriu-se na República Dominicana complô contra Trujillo. A reação governamental foi pronta e implacável. Em Caracas, na mesma época, o governo venezuelano viu-se às voltas com distúrbios populares: as tropas tiveram que agir contra milhares de desempregados em manifestações de rua. Resultado: 23 feridos e 200 detidos. No início do mês seguinte, ignorava-se o destino de 1.500 pessoas detidas na República Dominicana. Ao mesmo tempo, um líder polariza as atenções nas Caraíbas: Fidel Castro, a figura de maior destaque no hemisfério.

ARGENTINA: SUBMARINOS ESTRANHOS

Submarino-fantasma no Golfo Nuevo. Surgiram navios e aviões preparados para

o combate. Bombas de profundidade foram lançadas e uma das notícias oficiais vindas de Buenos Aires chegou a afirmar que o submarino havia sido atingido na superfície. Mas um deles não bastava e apareceu outro corsário misterioso. Até um depósito clandestino de víveres foi descoberto nas imediações, com mantimentos para 5.000 pessoas. Destinar-se-iam aos submarinos. Um dia, averiguaram que nada havia. Tinham fugido, de certo...

RAU X ISRAEL

Enquanto a China continental e Formosa se retraem, as brigas continuam no oriente médio. Em princípios de fevereiro, grupos israelenses e sírios chocaram-se na fronteira dos dois países. Dois dias depois, determinou a Comissão Mista de Armistício das Nações Unidas: retirar as tropas da zona desmilitarizada. O governo da República Árabe Unida, porém, julgou mais cauteloso fazer o contrário e tratou de reforçar as tropas que já estavam na região. E a tensão continua.

to em que redigimos estas linhas, a imensa cratera continua atenta para apanhar os pequenos incautos, sem um muro se-

quer para proteção, a despeito de movimento popular que visa cercar ou aterrar o local.

DE GAULLE EM AÇÃO

Fins de janeiro. Tiroteios, tropelias, com mortos, feridos e detidos. A represão francesa atinge o território metropolitano e numerosos direitistas são presos em Paris. Fevereiro começa com o domínio da situação pelo poder central. De Gaulle pode e obtém do Parlamento poderes especiais. E passa a governar por decretos.

No dia 11 de fevereiro, delegações de 20 países do grupo afro-asiático enviaram uma carta a Dag Hamarskjöld. Queixavam-se à ONU de torturas que os franceses infligiam aos nativos da Argélia. Tais torturas constariam de relatório do Cruz Vermelha Internacional, não desmentido pelo governo francês. Pouco depois, outro caso francês de repercussão internacional: explodiu no Saara a primeira bomba atômica daquele país. Tóquio protestou, protestaram Adenauer, a RAU etc. Mas a França de De Gaulle alinhinou-se as grandes potências, com a fabricação do engenho.

FALA BONN

O governo de Bonn não se mostra muito contente com o andamento da política internacional. "Berlín é nossa!" — exclama Adenauer. O "premier" da Alemanha Ocidental falou da capital do antigo Reich, gritou contra a bomba A francesa e reclamou facilidades.

Suas palavras obtiveram resultado. O bimestre terminou com uma concessão da França para a instalação de armazéns e depósitos alemães no território daquele país.

VIAGENS PRESIDENCIAIS E CONFERÊNCIAS

Intensificaram-se as viagens de estadistas. O presidente Lopez Matéos, do

México, percorreu alguns países da América Latina, estreitando as relações entre as diferentes Repúblicas. Eisenhower seguiu os passos. O presidente Gronchi, da Itália, decidiu ir à União Soviética. Bem ou mal, o mundo tenta garantir a paz. Tudo, a despeito do fracasso previsto desde o início para a conferência de Cúme. Em Londres, fracassou outra conferência, que se realizou para solucionar a pendência de Chipre. Cipriotas gregos e turcos continuam a brigar, em proveito de uma potência estrangeira. Uma conferência, porém deu certo: o I Simpósio sobre Pesquisa Espacial, do Comitê Internacional de Pesquisa Espacial, com a participação de 200 delegados de 20 países.

Enquanto isso, as grandes potências tratam de desenvolver seu poderio bélico. Kruchev anunciou ao mundo a redução de 1,2 milhão de homens no efetivo das forças armadas soviéticas. A URSS substituiu homens por armas modernas. Um super-foguete soviético explodiu no Pacífico e os norte-americanos incentivaram suas experiências no mesmo sentido. Tudo poderá ser garantia de paz.

ANTI-SEMITISMO, PROTESTOS E RISOS

Protestos e risos provocou a onda de anti-semitismo iniciada na Europa e logo disseminada pelo mundo. Swásticas e dizeres de mau gosto começaram a borrar as paredes. Houve sustos, reclamações e investigações. O movimento, porém, foi simplesmente ridículo e morreu por si. Entre nós despertou curiosidade, mais pelos erros de ortografia e pelo grotesco dos borrões do que pelo sentido.

ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

NOSSOS CORRESPONDENTES

CHILE (Cuerpo de Carabneros): Prefeitura General, Valparaiso — cap. Franklin Troncoso Bachler; IV Zona de Carabneros, Concepción — cap. Moisés Suty Castro; San Bernardo — cap. Efrain de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial): Q.G., Rio Branco — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.

ALAGOAS (Polícia Militar): Q.G., Maceió — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho; Destacamento Policial, São Braz — sgt. José Pereira da Silva.

AMAPA (Guarda Territorial): Sede, Macapá — ten. Uladih Charone.

BAHIA (Polícia Militar): Palácio da Aclamação — major Edson Franklin de Queirós; 2.o B.C., Ilhéus — cap. Horton Pereira de Olinda; 3.o B.C., Juazeiro — cap. Salatiel Pereira de Queirós. Corpo Municipal de Bombeiros, Salvador — cap. Álvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Polícia Militar): B.I., Fortaleza — major José Delídio Pereira.

DISTRITO FEDERAL (Polícia Militar): Q.G., ten. Luiz Alberto de Souza, R.C. — ten. Hernani Alves de Brito; 6.o B.I. — ten. Enio Nascimento dos Reis. C.B. — ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Polícia Militar): Q.G., Vitória — ten. João N. dos Reis

MARANHAO (Fôrça Policial): Q.G., São Luiz — cap. Eurípedes B. Bezerra.

MATO GROSSO (Polícia Militar): Comando Geral e 1.o B.C., Cuiabá — asp. Perônio da Costa Leite Filho, 2.o B.C., Campo Grande — ten. Edgard A. de Figueiredo; 2.a Cia. do 2.o B.C., Ponta Porã — sgt. Francisco Romeiro.

MINAS GERAIS (Polícia Militar): Q.G., Belo Horizonte — ten. Carlos Augusto da Costa; 3.o B.I., Diamantina — ten. Geraldo Francisco Marques; 7.o B.I., Bom Despacho — cap. José Guilherme Ferreira; 8.o B.I., Lavras — ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro; 9.o B.I., Barbacena — ten. Manoel Tavares Corrêa.

PARÁ (Polícia Militar): Q.G., Belém — major dr. Valter da Silva.

PARAIBA (Polícia Militar): Q.G., João Pessoa — ten. Luís Ferreira de Barros.

PARANA (Polícia Militar): Q.G., Curitiba — ten. Eosni de Sena Maria Sobrinho.

PERNAMBUCO (Polícia Militar): Quartel do Derby, Recife — major Olinto de Spuza Ferraz.

PIAUI (Polícia Militar): Q.G., Teresina — asp. Raimundo Camelo de Vasconcelos.

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar): Q.G., Niterói — cap. Ademar Guilherme.

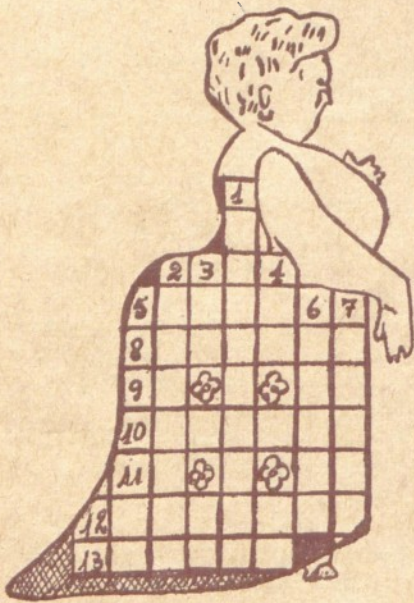
RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar): Q.G., Natal — ten. José G. Amorim.

RIO GRANDDE DO SUL (Brigada Militar): Q.G., Porto Alegre — ten. João Aldo Danesi; 2.o R.C., Livramento — cap. Carlos Cravo Rodrigues.

SANTA CATARINA (Polícia Militar): Q.G., Florianópolis — ten. José Fernandes; 3.a Cia. Isolada, Canoinhas — ten. Edgard C. Pereira.

SÃO PAULO (Fôrça Pública): Q.G. — ten. José Fernandes; C.F.A. — ten. Valdomiro de Abreu; R.C. — tens. Horácio Bozon e Carlos Aderbal Lorenz; B.G. — ten. Nivaldo Antônio Trevisan; C.B. — ten. Luís Augusto Savioli e asp. Joel Avoletta; 1.o B.C., Araraquara — asp. Waldomiro Christiano; 2.o B.C. — ten. João de Oliveira Leite; 3.o B.C., Ribeirão Preto — tens. Nelson Homem de Melo, Clovis Carvalho Azevedo (1.a Cia. — Barretos) e Plínio Vaz (2.a Cia. — Casa Branca); 4.o B.C., Bauru — tens. Aparecido do Amaral Gurgel e Paulo Rodrigues (2.a Cia. — Araçatuba) e asps. Achilles Gra-veiro (1.a Cia. — Marília) e João Angelo Machado Lima (4.a Cia. — Jaú); 5.o B.C., Taubaté — ten. Emerio Benedito Monteiro; 6.o B.C., Santos — cap. Gilberto Tului Vilanova; 7.o B.C., Sorocaba — ten. Antônio Carlos Martins Fernandes; 8.o B.C., Campinas — ten. Evandro Martins (Piracicaba) e asp. Ivo de Camargo Varbas; 1.o B.I. — cap. Ari José Mercadante; 2.o B.I. — ten. Jatir de Souza; 3.o B.I. — ten. Francisco Rodrigues; S.I. — ten. Álvaro Pielusch Altmann; S. Subs — ten. Antônio Meneghetti; E.E.F. — cap. Francisco Antônio Blanco Jr; S.T.M. — ten. José Varela; S.S. — ten. João Cardoso; C.M. — Subten. José Romeu, S.F. — ten. Jonas Simões Machado; 3.a Cia. Ind., Presidente Prudente — cap. Domingos de Melo; 1.a C.I.B., Santos — cap. Paulo Marques Pereira; C.P.R. — ten. Flávio Capeletti; C.P.F. — ten. Mário Rodrigues Montemor.

SERGIPE (Polícia Militar): Q.G., Aracaju — cap. Renato de Freitas Brandão.



P A L C R U Z A D A S V R A S

HORIZONTAIS

5 — Para prestar continência, leva-se a mão à... 8 — Como são os caminhos da vida (às vezes)? 9 — Começo de burro (palavrinha que os japoneses usam como medida de superfície). 10 — Eu (grande folião) o fiz ao bloco carnavalesco. 11 — A terra do Brisola. 12 — Calças de miliciano não as tem. 13 — Mulher bonita e inteligente o faz (o útil ao agradável).

VERTICAIS

1 — Assim se chama a família policial-militar. 2 — Se a letra b é labial, o que é a letra l? 3 — Quando a Maria

quebra um copo diz à patroa que "deu" (no copo) esta coisa; rizadinha que é algarismo romano. 4 — Muita gente gosta de abreviar depois de Cristo à maneira latina; o Heitor Ribeiro assina com avaréza. 6 — Jeito difícil de dizer onera com dívidas. 7 — País europeu escrito sem ç (a última não cabe).

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: — Trem — Iara — Nuas — Abra.

VERTICAIS: — Tina — Raub — Erar — Masa.

Cachoeira

e m

Piracicaba

